



UNIPAC
Universidade Presidente Antônio Carlos

Myriani Maganin Almeida

FOTOGRAFIA E COMUNICAÇÃO: DESENVOLVIMENTO DA REALIDADE

Juiz de Fora
2011

Myriani Maganin Almeida

FOTOGRAFIA E COMUNICAÇÃO: DESENVOLVIMENTO DA REALIDADE

Monografia de conclusão de curso apresentada ao curso de Comunicação Social, habilitação Jornalismo, da Faculdade de Ciências Humanas e Exatas, da Universidade Presidente Antônio Carlos, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Jornalismo
Orientador: Profs. Ms.

Juiz de Fora
2011

Myriani Maganin Almeida

FOTOGRAFIA E COMUNICAÇÃO: DESENVOLVIMENTO DA REALIDADE

Monografia de conclusão de curso apresentada ao curso de Comunicação Social, habilitação Jornalismo, da Faculdade de Ciências Humanas e Exatas, da Universidade Presidente Antônio Carlos, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Jornalismo e aprovada pela seguinte banca examinadora:

Profa. Ms. Marina de Magalhães Souza
Universidade Presidente Antônio Carlos

Profa. Ms. Margareth Assis Marinho
Universidade Presidente Antônio Carlos

Profa. Dra. Lenice Simões Pereira Freitas
Universidade Presidente Antônio Carlos

Juiz de Fora
07/11/2011

De todos os meios de expressão, a fotografia é o único que fixa para sempre o instante preciso e transitório. Nós, fotógrafos, lidamos com coisas que estão continuamente desaparecendo e, uma vez desaparecidas, não há mecanismo no mundo capaz de fazê-las voltar outra vez. Não podemos revelar ou copiar uma memória.

Henri Cartier Bresson

Dedico este trabalho à memória de meu avô Gentil, à minha avó Selma, meus pais Genilson e Mirian, meu irmão Alysson, meus tios e tias, primos e primas, amigos e amigas que fizeram parte da minha trilha e que com toda paciência e carinho me conduziram até aqui.

Agradecimentos

Agradeço à todos os fotojornalistas que dispuseram de seu tempo e seu trabalho para que pudessem me auxiliar com a pesquisa.

Agradeço especialmente a algumas pessoas contribuíram diretamente para a conclusão desse trabalho.

À todos os fotógrafos e fotojornalistas que participaram indiretamente na escola desse tema, especialmente os amigos Oswaldo Calzavara e Ângelo Savastano que além de me passarem conhecimento técnico da fotografia, se preocuparam com o resultado do trabalho teórico e me possibilitaram uma nova maneira de ver a fotografia e o jornalismo.

Ao Leonardo que com os olhos sempre atentos, não deixou escapar nenhum assunto sobre fotografia e jornalismo que passasse em sua frente.

À coordenadora e orientadora Profa. Ms. Marina Magalhães, que sempre esteve à disposição para dúvidas e questionamentos.

A todos os professores que passaram por nossa turma, deixando conhecimento, experiências e contribuíram para nossa “bagagem” profissional.

À meus pais, minha avó Selma e minha tia Magda que direta ou indiretamente fizeram parte do elenco mais participativo que eu já vi.

RESUMO

A fotografia é um recurso muito utilizado em diversas áreas da Comunicação. Com essa observação, o presente estudo busca entender a melhor maneira de utilizar esse recurso para compor um bom trabalho jornalístico, a partir da leitura de diversos autores que abordam o tema e a partir da opinião de alguns profissionais da área. É nesse contexto que surgem os questionamentos que serão abordados: quais são os elementos importantes no fotojornalismo, quais as características inerentes a uma foto jornalística e como um bom profissional usa esse recurso dentro das suas diversas funções. Além disso, é importante compreender alguns critérios de noticiabilidade que são aplicados aos registros fotográficos, uma vez que o fotorrepórter tem uma responsabilidade tão grande quanto o próprio redator das matérias.

PALAVRA-CHAVE: Fotojornalismo. Jornalismo. Fotografia. Noticiabilidade. Reportagem

ABSTRACT

The photography is a feature very used in a lot of areas of the Communication, the present study seeks to understand the better way to use this feature to compose a quality work, from the reading of many authors on the subject and the opinion of some professionals. In this context, the questions that come will be addressed: what are the important elements in photojournalism, which are the inherent characteristics of a photo journalist and how a good professional use this feature in their various functions. Moreover, it is important to understand some of newsability's criterions that are applied to photographic records, since the photographer has an enormous responsibility as the actual writer of the materials.

KEYWORDS: Photojournalism. Journalism. Photography. Newsability. Report

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....
1 A FOTOGRAFIA.....
1.1 Origens.....
1.2 A criação fotográfica.....
1.2 Do calótipo ao filme de rolo.....
2 IMPRENSA, FOTOGRAFIA E SOCIEDADE.....
2.1 Os primórdios da imprensa.....
2.2 A sociedade imagética.....
2.3 O fotojornalismo e seus precedentes.....
3 O TEXTUAL E A IMAGEM.....
3.1 O desenvolvimento do fotojornalismo.....
3.2 Os gêneros fotojornalísticos.....
3.2.1 Fotografias de notícias	
3.2.2 Features	
3.2.3 Retrato	
3.2.4 Ilustrações fotográficas	
3.3 A fotografia jornalística
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....

APÊNDICE A.....

APÊNDICE B.....

APÊNDICE C.....

APÊNDICE D.....

APÊNDICE E.....

APÊNDICE F.....

ANEXO

INTRODUÇÃO

Desde que a fotografia foi utilizada de maneira informativa, o modo de fazer jornalismo mudou e se adaptou às novas exigências do ser humano. A necessidade da busca pela notícia não é novidade. O demasiado interesse em obter informações sobre o que acontece ao redor, parece de fato, algo empírico. Assim sendo, o jornalismo é uma importante ferramenta na sociedade. Neste âmbito, a fotografia também exerce um papel importante na medida em que é utilizada e aceita uma metáfora da realidade ou ainda, uma comprovação dos fatos.

Este trabalho de conclusão para o curso de Comunicação Social, tem por objetivo entender como são definidos os critérios básicos para que uma fotografia possa ser considerada jornalística, como um bom profissional pode se beneficiar desse recurso visual e quais funções a imagem pode exercer ao ser utilizada em conjunto com o texto nas matérias jornalísticas. Além disso, é importante compreender a responsabilidade do fotojornalista diante uma cobertura fotográfica.

Para compor a pesquisa, será aplicada uma pequena entrevista à alguns profissionais atuantes no ramo e a base teórica se dará a partir da leitura de livros e artigos que abordam esse tema, bem como livros específicos sobre a fotografia e o jornalismo, separadamente.

No primeiro capítulo é tratada a História da Fotografia e a maneira como ela se desenvolveu ao longo dos anos, ressaltando as principais descobertas que ocorreram simultaneamente em diversos lugares. A relação entre a sociedade, a imprensa e a fotografia é o assunto principal do segundo capítulo. Nele, estão presentes também, o surgimento da imprensa, a influência que a imagem possui na sociedade e o como se deu o fotojornalismo a partir dessa relação. Para concluir, o terceiro capítulo aborda o desenvolvimento do fotojornalismo, um breve estudo sobre os gêneros fotojornalísticos, a linguagem jornalística com os principais elementos da fotografia e uma análise a partir das entrevistas cedidas pelos fotógrafos que atuam nesse ramo.

1. A FOTOGRAFIA

Atualmente a fotografia tem sido um assunto muito discutido por conta das relações entre Imagens e Ciências Sociais. Nota-se um interesse maior com relação a esse assunto, como afirma Maria Eliza Linhares Borges, em seu livro 'História & Fotografia': “Basta correr os olhos pelos sumários das revistas acadêmicas, pelos catálogos de editoriais voltadas para o público universitário (...) para perceber a ploriferação de temas ligados a esse campo de estudos.” (BORGES, 2003, p.11).

Este interesse do homem pela imagem vem desde os primórdios da humanidade, onde já se via uma preocupação em retratar e registrar os acontecimentos e descobertas no dia a dia. Os primeiros registros eram feitos nas próprias paredes das cavernas, através de desenhos e pinturas. Os famosos registros de Lascaux¹, na França, são um exemplo da prática desta necessidade de se contar uma história, através de “imagens”, ou até mesmo documentar o que ocorria. (DUBBOIS, 2010, p.116)

A fotografia como um registro do tempo possui diversas funções e, dentre elas, uma das mais importantes: o fato de ser “ Uma fonte histórica, na verdade, tanto para o historiador da fotografia, como para os demais historiadores, cientistas sociais e outros estudiosos.” (KOSSOY, 2001, p.47).

Fotografia é literalmente a forma de escrita com a luz e até seu próprio nome é auto explicativo; significa *escrever (grafia) com a luz (foto)*. Para entender todo o processo fotográfico, são necessários alguns passos através das pequenas descobertas que resultaram naquilo que hoje, é de imensurável importância na sociedade; tanto na construção de sua identidade através da história, quanto nos registros de momentos importantes que merecem ser congelados no tempo para que a recordação permaneça sempre viva.

¹ Lascaux, na França, contém cerca de 600 pinturas. Artistas pré-históricos criaram as representações de touros e animais nas paredes da caverna calcita há mais de 17.000 anos. A caverna e sua obra foi descoberta por um grupo de adolescentes em 1940. (Ver FIGURA 01 no ANEXO A)

1.1. Origens

Ter encontrado estes registros de desenhos e pinturas nas cavernas já demonstravam uma tendência a transpor a realidade de modo a registrar ocorrências. Esta descoberta foi um forte indício de que tanto a imagem quanto o fato eram de extrema importância.

A relação indiciária de proximidade e contiguidade físicas entre o signo (a mão pintada) e seu objeto (*sua causa*: a mão a ser pintada) é aqui das mais estreitas (...). A imagem obtida era literalmente um traço, uma transposição, o vestígio de uma mão desaparecida que estava ali. (DUBOIS, 2010, p. 116)

Segundo Dubois (2010), Lascaux foi a origem histórica da pintura e as técnicas tentavam aproximar-se de uma impressão (retratando o real). Essa característica estava explícita na forma como eram feitas essas pinturas.

O resultado, imagem de um contorno por contato, aparece assim como uma *sombra* conduzida, mas uma sombra *em negativo*, figura em branco, em oco, esvaziada, pintura não pintada (“soprava-se em torno”) obtida por subtração, por preservação de um espaço virgem correspondente à zona que era muito exatamente recoberta pelo referente. Podemos pressentir: já é de uma certa maneira, todo o dispositivo da *fotografia* que está em ação aqui. (DUBOIS, 2010, p. 116)

A pintura é como o retrato da realidade, ela busca aproximar da realidade, as características do objeto/objetivo retratado. Ainda não dispendo de todas os caracteres que compõem o real, a fotografia faz a vez de uma impressão, uma cópia fiel daquilo que se quer documentar ou registrar. (DUBOIS, 2010, p.117)

Até então todos os registros de reprodução de imagens eram através da pintura e como a pintura é subjetiva, a maneira de ver o mundo era simbólica. A partir do Renascimento esta maneira de ver o mundo começou a se modificar. O apelo à fidelidade de características nos registros passou a ser predominante nesta fase e então várias experiências envolvendo a reprodução de imagens foram sendo estudadas simultaneamente, em diversos países. (FALAVIGNA, 2000, p.13).

O ato de registrar algum acontecimento ou algum objeto é um dos princípios básicos da fotografia, e por esse motivo, esta relação forte entre a pintura e a fotografia estão presentes na maioria dos estudos desse tema.

Dubois acredita que a origem da pintura se deu a partir da ideia do homem de reproduzir, através de desenho, sua sombra projetada em uma parede. Nesta manifestação já estavam contidos os principais caracteres que constituíam os princípios da fotografia. Também “instituiu-se toda uma série de dados: a relação amorosa e o desejo de conservar traços físicos de uma presença destinada a desaparecer” (DUBOIS, 2010 p. 139).

1.2. A criação fotográfica

Entende-se por fotografia o processo de produção da imagem que mais se aproxima ao que os olhos humanos conseguem assimilar. Consiste na captação da imagem feita a partir da luz que incide sobre determinada superfície.

Identificar apenas um inventor da fotografia é uma tarefa impossível, uma vez que o que conhecemos atualmente é resultado de experiências realizadas a partir do conhecimento acumulado desde a antiguidade. Várias descobertas foram feitas simultaneamente em diversos países, mas segundo Salles (2004, p.1) só no final do século XIX a fotografia foi “descoberta” mais próximo à maneira como a conhecemos atualmente.

Os fundamentos do que veio a se chamar fotografia, partiram de dois princípios básicos já conhecidos do homem, mas que tiveram que esperar muito tempo para se manifestar satisfatoriamente em conjunto, que são: a Câmara Escura² e a existência de alguns materiais fotossensíveis³. (SALLES, 2004 p. 01)

Segundo Barthes (1984) a fotografia era fruto da transformação do sujeito em objeto e fazendo referência à Câmara Clara⁴, explica:

² Primeira Ilustração de uma Câmara Escura em 1544. (Ver FIGURA 02 no ANEXO B)

³ Entende-se por '*Materiais fotossensíveis*' aqueles que sofrem algum tipo de reação quando expostos à luz.

⁴ Ilustração da Câmara Clara. (Ver FIGURA 03 no ANEXO B)

para fazer os primeiros retratos (em torno de 1840), era preciso submeter o sujeito a longas poses atrás de uma vidraça em pleno sol; tornar-se objeto, isso fazia sofrer como uma operação cirúrgica; inventou-se então um aparelho, um apoio para a cabeça, espécie de prótese, invisível para a objetiva, que sustentava e mantinha o corpo para sua passagem para a imobilidade: esse apoio para a cabeça era o soco da estátua que eu ia tornar-me, o espartilho de minha essência imaginária. (BARTHES, 1984 p. 26-7)

Esta invenção funcionava de acordo com a lógica da Câmara Escura que consiste em um “olhinho de telescópio munido de um prisma, de um jogo de espelho e de lente, fixado à extremidade de uma haste imóvel, ela própria presa a uma mesa de desenho” (DUBOIS, 2010 p. 131).

Neste caso, o próprio pintor desempenha o papel de câmera e é o intermediário entre o registro e o objeto. Este processo não fazia referência à impressão, como faz a fotografia, mas os princípios óticos são basicamente a mesma coisa.

Para Salles a Câmara Escura foi fruto de várias descobertas mas o princípio tem seus registros na Grécia antiga, quando Aristóteles ao observar um eclipse solar projetado no chão através de um orifício entre as folhas de uma árvore, percebeu então que à medida que diminuísse o orifício, mais nítida ficava a imagem projetada. Este mecanismo foi reutilizado e readaptado até a Idade Moderna, quando o interesse pelas leis óticas estava no auge. (SALLES, 2004, p.3).

Mais uma vez há que se notar uma proximidade entre a fotografia e a pintura: esta descoberta foi tão importante que acabou ajudando alguns pintores a desenvolver técnicas de profundidade e conseguir uma imagem cada vez mais semelhante ao real.

A outra questão relevante na descoberta da fotografia, foi a utilização dos materiais fotossensíveis (que possuem sensibilidade à luz). Os alquimistas já tinham algum conhecimento sobre a fotossensibilidade dos sais de prata e no decorrer dos anos, foram realizadas várias pesquisas na tentativa de se reproduzir imagens através da utilização desse material. O desafio então era descobrir uma maneira de fixar a imagem obtida através dos mecanismos de captura. Entre os anos de 1727 e 1800 os registros mostram uma série de experiências com a prata. No entanto, após a impressão, as imagens formadas continuavam a se modificar, porque os sais de prata continuavam sensíveis à luz.

Foi este um dos principais problemas enfrentados por muitos pesquisadores. Era necessário encontrar um método eficaz que conseguisse manter a imagem fixada, sem que posteriormente, a prata continuasse fotossensível. (SALLES, 2004, p.3)

Em outras palavras, aquilo por meio do que a imagem nos é revelada é igualmente aquilo por meio do que, no mesmo movimento, ela se destrói. O processo fotográfico precisa congelar o tempo. Imortalizar o momento e para isto faz-se necessário que a imagem se conserve. Há uma pequena pausa no tempo mas também há que se congelar o próprio processo de produção. (DUBOIS, 2010 p.139)

Em 1727 um professor de medicina da universidade alemã de Aldorf fez uma grande descoberta envolvendo o nitrato de prata. Em uma de suas experiências, Johann Schulze⁵ encharcou uma porção de cal com nitrato de prata e colocou em um frasco. Após algum tempo exposto à luz do sol, Johann notou que o conteúdo do vidro havia parcialmente escurecido, criando uma tonalidade violeta escura. Ao agitar o frasco e expô-lo novamente, observou que a coloração havia desaparecido. Sem saber se esta alteração havia sido em função da luz ou do calor como era proposto, Schulze refez sua experiência dentro de um forno. Uma vez que a coloração não havia alterado novamente, o professor concluiu que esta alteração se dava em função da ação da luz. (FALAVIGNA, 2000, p. 9)

Segundo o autor Maurício Falavigna (2000, p.8), Schulze nomeou o composto de Scotophorus. Mesmo tendo conseguido captar algumas imagens com esse método, essas descobertas foram acidentais e acabaram ficando sem utilidade prática, então, Johann Schulze cedeu esta descoberta à Academia Imperial de Nuremberg. Mesmo assim, ele acabaria sendo o pai da fotoquímica. Afinal, até hoje o elemento fotossensível utilizado na revelação das fotografias é o Brometo de Prata, obtido através da reação química do Nitrato de prata e Brometo de Sódio ou Potássio.

Ainda utilizando-se da câmara escura, um cientista inglês chamado Thomas Wedgwood aproximou-se de ser o pioneiro na captura da fotografia permanente. Em seu trabalho, “utilizava-se da câmara escura para desenhar grandes casas de campo, com as quais decorava aparelhos de chá e vasilhas elaboradas na cerâmica de seu pai.” (FALAVIGNA, 2000, p.9).

O cientista tentou a fixação das imagens obtidas na câmara expondo-as à luz um couro branco revestido de nitrato de prata. As imagens que se fixaram só eram visíveis em um local escuro e sob a luz de vela, porém o nitrato de prata continuava escurecendo em reação à ação da luz. (FALAVIGNA, 2000, p.9).

⁵ Johann Schulze, professor de medicina em Ardolf, na Alemanha. (Ver FIGURA 04 no ANEXO C)

Algum tempo depois, o oficial do exército francês Joseph Nicéphore Niépce⁶ (1765-1863) faria uma outra grande descoberta acerca da fotografia. Movido por seu interesse artístico começou a realizar várias experiências com esses materiais fotossensíveis.

(...) a busca pelo registro visual era um fascínio pessoal de Nicéphore, que estudou diversas técnicas reprográficas, e tendo com isso feito importantes melhorias no processo de litografia. Mas procurava, assim como outros, uma possibilidade de utilizar a imagem da câmara escura, uma vez que os demais processos só permitiam reprodução de originais opacos ou transparentes, e não imagens projetadas da natureza real. (SALLES, 2004, p.3)

Em 1816, Niépce conseguiu uma imagem - parcialmente fixa - de sua casa, sobre um papel com cloreto de prata. O oficial percebeu que as partes que deveriam estar claras, escureciam e este foi considerado o primeiro registro de um negativo.

Depois de várias tentativas com outros materiais, em 1822, Joseph obteve sua primeira imagem fixa, resultado da gravação sobre uma placa metálica de cobre exposta à luz do sol posteriormente colocada sobre uma chapa de cristal sensibilizada com Betume da Judeia (um tipo de asfalto que endurece ao reagir com a luz). Aperfeiçoando a experiência, substituiu a placa recoberta com Betume por uma placa de zinco e deu o nome desse processo de Heliografia. (FALAVIGNA, 2000, p.10)

De acordo com Falavigna, em 1826 Niépce conseguiu, com êxito, a imagem que posteriormente seria considerada como o primeiro registro fotográfico⁷ da história. A fotografia da janela de seu quarto, foi após uma longa exposição à luz (8 horas). Mas o objetivo principal de Niépce não era apenas a obtenção da imagem próxima do real, mas elaborar uma placa que possibilitasse a impressão para litografia. Com intuito de aperfeiçoar a técnica, trocou o material utilizado. (FALAVIGNA, 2000, p.10)

Ele abandonou o peltre por esse motivo: era um material muito brando para se transformar numa placa de impressão. Passou a utilizar lâminas de cobre prateadas, e alcançou uma sensível melhoria de contrastes enegrecendo com vapor de iodo as partes que não sofreram impressão. Mas o tempo de exposição continuava sendo muito longo. (FALAVIGNA, 2000, p.12)

⁶ Joseph Nicéphore Niépce, oficial do exército francês. (Ver FIGURA 05 no ANEXO C)

⁷ Primeiro registro fotográfico: vista da Janela do quarto de Niépce (Ver FIGURA 06 no ANEXO D)

Através da divulgação de seu trabalho, Niépce conheceu Loius Jacques Mandé Daguerre⁸ que acabaria se tornando um notável personagem na história da fotografia.

Daguérre⁹ era pintor, inventor e empresário no ramo de espetáculos. Ele utilizava a câmera escura, para pintura. Porém, com a proposta de Niépce (formar uma sociedade afim de aperfeiçoar a técnica da Heliografia), os dois se empenharam a aperfeiçoar suas técnicas. Este convênio foi estabelecido em 1829. (FALAVIGNA, 2000, p.12)

Apesar do entusiasmo, Niépce e Daguerre trabalhavam em sentidos opostos. “Niépce tinha em mente uma imagem capaz de ser copiada, reproduzida, e Daguerre, como era pintor, procurava simplesmente uma imagem satisfatória.” (SALLES, 2004, p.05).

Após a morte do sócio em 1833, Daguerre deu prosseguimento a seus estudos, porém com o intuito de produzir uma imagem mais nítida, seguindo sua linha de pesquisa. Durante as tentativas, o pintor se deparou com um novo desafio: “os sais de prata (...) apesar da rapidez com que apreendiam uma imagem, esta era muito rudimentar e o problema da fixação ainda não estava resolvido.” (SALLES, 2004, p.05).

Decepcionado com as tentativas falhas, guardou uma de suas chapas metálicas dentro do armário e ao procurar alguns produtos químicos, dias mais tarde, se deparou com a chapa modificada. Notou que nela, havia uma imagem impressa e a partir disto passou a questionar se essa modificação não teria ocorrido por causa do mercúrio de um termômetro que havia quebrado dentro do armário. Acidentalmente, Daguerre conseguiu resolver este problema.

Assim, em 1835, descobriu a possibilidade de uma imagem ser revelada com vapor de mercúrio. Esta possibilidade reduziria para aproximadamente 30 minutos o tempo de 8 horas de exposição à luz a que eram submetidos os objetos anteriormente. Este processo foi batizado de Daguerreotipia¹⁰ (Daguerréotype). (SALLES, 2004, p.05).

O método consistia em uma lâmina de cobre prateada que era sensibilizada com vapor de iodo (a junção formava iodeto de prata) para que ficasse fotossensível. Logo após, a chapa era colocada na câmara escura e exposta à luz por aproximadamente 30 minutos. A imagem obtida podia ser revelada através do vapor de mercúrio, que aderiria às partes do

⁸ “Daguerre é considerado o inventor oficial da fotografia por ter sido o primeiro a anunciar o invento. Após a divulgação da criação de Daguerre, outros dois inventores de processos fotográficos informaram sobre suas invenções: Henri Fox Talbot, na Inglaterra, e Hércules Florence, um francês radicado no Brasil. Pioneiro e sócio de Daguerre, Joseph N. Niépce, também recebeu créditos pela invenção da fotografia: ele foi o primeiro a comprovadamente realizar a captura mecânica de uma imagem, em 1826.” (GIACOMELLI, 2008, p. 22)

⁹ Loius Jacques Mandé Daguerre (Ver FIGURA 07 no ANEXO D)

¹⁰ Ilustração de uma câmara de daguerreotipia (Ver FIGURA 08 no ANEXO E)

iodeto de prata afetadas pela luz. Para fixar a imagem, Daguerre usava cloreto de sódio e logo após a lâmina era lavada. Como a imagem se formava invertida, dentro da câmara escura, ao ser revelada a fotografia reproduzia o objeto da forma como ele era visto pelo homem. Esta porém, era uma imagem que não poderia ser reproduzida devido aos recursos da técnica utilizada, contrário à intenção de Niépce. (SALLES, 2004, p.05).

1.3. Do calótipo ao filme de rolo

Um outro nome de destaque na história da fotografia foi William Henry Fox Talbot¹¹ (1800-1877) escritor e cientista inglês que também realizava experiências na tentativa de capturar e fixar imagens. Simultaneamente e sem conhecer os estudos de Daguerre, Talbot trabalhava desde 1833 numa técnica parecida, para a captura de imagens. “O que conseguiu de mais próximo foram impressões diretas, por contato sobre papel, e que ele denominou **Calótipo**¹².”. (SALLES, 2004, p.06).

Talbot, conhecia John William Frederick Herschel, filho de um famoso astrônomo que também se interessou em sanar algumas dificuldades que envolviam os pioneiros da fotografia. Inicialmente seu interesse era encontrar um método para obter imagens de um telescópio que havia sido construído por ele mesmo.

A tentativa de ajuda foi relevante e Herschel acabou sendo responsável por um grande avanço técnico da fotografia. Em suas experiências, encontrou a resposta que precisava para o problema da fixação da imagem.

O papel exposto à luz, pela metade, é embebido com hipossulfito de sódio e em seguida lavado com água. Após secagem, o papel é novamente exposto à luz. A metade escura permanece escura, e a metade clara permanece clara. Finalmente, estava resolvido o problema da fixação fotográfica. (SALLES, 2004, p.7)

Com o novo método para fixação, Talbot finalmente patenteou o calótipo. Mas é importante ressaltar que Herschel percebeu uma diferença entre o novo produto e o

¹¹ William Henry Fox Talbot: (Ver FIGURA 09 no ANEXO E)

^{1 2} Exemplo de uma impressão por Calotopia (Ver FIGURA 10 no ANEXO F)

daguerreótipo. “Sua impressão foi a seguinte: ‘comparadas com essas obras de arte de Daguerre, o senhor Talbot não produz senão coisas vagas e desfocadas’.” (SALLES, 2004, p.07)

Essas diferenças fizeram Talbot continuar na tentativa de aperfeiçoamento de suas técnicas. Algum tempo depois, ele desenvolveu um novo método que consistia em sensibilizar as folhas de papel com nitrato de prata e em seguida com iodeto de potássio (formando iodeto de prata). A alta fotossensibilidade do iodeto de prata reduzia o tempo de exposição para que a fotografia pudesse ser revelada em uma solução de ácido gálico e nitrato de prata. Além disso, “Talbot ainda se utilizava do sistema de imagem evidente, com papéis sensibilizados com cloreto de prata, o que era mais vantajoso pois era possível controlar a intensidade dos tons de cópia pela observação. (SALLES, 2004, p.07).

Até 1860 o processo da calotipia, desenvolveu-se em larga escala porém, concomitantemente, foram surgindo muitos processos fotográficos bem parecidos com o daguerreótipo de Talbot e Daguerre. Em 1848 por exemplo, Claude, neto de Niépce descobriu que a albumina (presente na clara do ovo) poderia aderir ao vidro de maneira mais eficaz e esta descoberta possibilitaria a obtenção de cópias das imagens, com qualidade comparável ao daguerreótipo. Outra data de igual importância, foi o ano de 1850, quando o colódio (algodão de pólvora) passou a ser utilizado na substituição da albumina. “O colódio era muito mais barato de se obter e possuía melhores condições de transmissão luminosa, o que diminuiu novamente os tempos de exposição da fotografia, fazendo de alguns segundos um tempo suficiente para impressão da chapa”. (SALLES, 2004, p.10)

Segundo Salles as descobertas que engendrariam a fotografia não pararam e quase 20 anos depois, em 1871, o médico inglês Richard Madox substituiu o colódio por uma suspensão de nitrato de prata em uma gelatina de secagem rápida. Este processo era mais barato e esta substituição ficou conhecida como chapa seca. (SALLES, 2004, p.11)

Com o passar do tempo, outras alternativas foram descobertas, por exemplo a de George Eastman¹³, que substituiu a suspensão com gelatina e a transparência do vidro por uma base mais flexível de nitrocelulose, com essa substituição deu-se então o primeiro filme em rolo da história. Desta maneira, várias chapas em um único rolo possibilitaria mais praticidade e eficiência na captura de imagens. Eastman, foi responsável pela

¹³ George Eastman criador da primeira câmera KODAK (Ver FIGURA 11 no ANEXO F)

construção de uma pequena câmara para utilizar o filme em rolo, a que ele chamou de "Câmara KODAK". (SALLES, 2004, p.11)

A câmara projetada, era leve e suas lentes possibilitavam foco de qualquer objeto que estivesse a partir de 2.5m de distância. O ocorrido foi uma verdadeira revolução “que fez da Kodak¹⁴ uma gigantesca empresa, pioneira em todos os demais avanços técnicos que a fotografia adquiriu até hoje.” (SALLES, 2004, p.11).

O decorrer dos anos possibilitou grandes acréscimos à fotografia, assim como o surgimento de outros processos eficientes e baratos até os dias de hoje, com o sistema digital. Todo esse processo de evolução da fotografia tem seus ápices a partir dos principais nomes: Niépce e Daguerre (precursores), Talbot (responsável pelo primeiro sistema eficaz de negativo-positivo) e Eastman (inventor do filme em rolo flexível e ‘engenheiro’ da câmera Kodak).

Entre esses nomes, estão outros notáveis estudiosos da imagem que possibilitaram o desenvolvimento da fotografia “Todas as outras pequenas revoluções nada mais foram que aperfeiçoamentos de um sistema que permaneceu inalterado nos últimos 100 anos, até o advento comercial da fotografia eletrônica.” (SALLES, 2004, p.12).

¹⁴ Foto do primeiro escritório onde funcionou a empresa Kodak, de George Eastman (Ver FIGURA 12 no ANEXO G)

2. IMPRENSA, FOTOGRAFIA E SOCIEDADE

A relação básica entre a Imprensa, a fotografia e a sociedade é o princípio básico do fotojornalismo. A Imprensa exerceu e ainda exerce um importante papel. Desde antes do seu surgimento já haviam registros sobre a necessidade de informar e se manter informado. As diversificadas maneiras com que a notícia é passada indicam sua importância em vários aspectos sociais.

A fotografia, na sua função de registrar, documentar e relatar os fatos ocorridos, auxilia a Imprensa, e mesmo sendo uma descoberta ‘recente’ com relação aos periódicos, a fotografia já exerce um papel fundamental na prática de se veicular notícias e a sociedade por sua vez, recebe e reconhece sua importância no jornalismo.

2.1. Os primórdios da imprensa

O que consideramos Imprensa é algo relativamente recente com relação à necessidade do homem em obter notícias sobre qualquer fato relativo a si próprio ou sua comunidade. Há muito se ouve falar do interesse humano em saber de tudo o que acontece ao redor. Existe uma necessidade latente em procurar informações sobre os últimos acontecimentos e a maneira como se deram os fatos. Muito antes da invenção da escrita, os registros já eram usados pelos humanos que habitavam as cavernas. (GIACOMELLI, 2008, p.16)

Atualmente sabe-se que os antigos desenhos e pinturas encontrados nos interiores das cavernas de diversas partes do mundo, tinham o intuito de contar histórias e documentar o que ocorria no ambiente. Neste aspecto, Peucer (2004, p.13) afirma que não há nada que satisfaça tanto o ser humano como a história.

O ato de relatar os acontecimentos, segundo Peurce faz-se de diversas maneiras, mas o que se aproxima com o jornalismo são os relatos periódicos (*Relationes novellae*), notificações do que acontece em qualquer lugar. (PEURCE, 2004, p.15).

Esta característica instintiva que parte da necessidade de se informar, Peurce identifica como sendo o ponto principal da criação dos periódicos.

Com efeito, o afã de saber coisas novas é tão grande que cada vez que os cidadãos se encontram em encruzilhadas e nas vias públicas perguntam: “o que há de novo?” A fim de satisfazer esta curiosidade humana tem se imprimido de todo modo novos relatos jornalísticos em diversos idiomas. (PEURCE, 2004, p.26)

As notícias circulavam de boca em boca antes da criação da escrita e este sempre foi um hábito peculiar ao ser humano. Por volta de 8.000 a.C. as sociedades começaram a se desenvolver e a comunicação entre as pessoas acompanhou este desenvolvimento. Formavam-se alguns locais de encontros. Iniciou-se o uso de mensageiros e/ou sinais de fumaça que eram utilizados como principais formas de comunicar. Os hieróglifos (desenhos que representavam palavras) encontrados no Egito e Mesopotâmia, datados em torno de 3.500 a. C, foram dados como um dos primeiros indícios de escrita. O primeiro alfabeto foi criado em torno de 1.500a.C., pelos fenícios. (GIACOMELLI, 2008, p.17).

Posteriormente, os gregos adicionaram algumas vogais a este alfabeto, e este sistema de escrita foi difundido pela Europa. (STEPHENS, 2007 *apud* GIACOMELLI, 2008). Consta que por volta do ano 145 a.C., em Roma, as pessoas passavam por um local comum – onde localizavam os edifícios da administração pública – afim de discursar o que girava em torno dos últimos acontecimentos.

Na antiguidade, a invenção do papel, atribuída ao chinês Ts'ai Lun, aconteceu em 105 d.C. Foi dado então, o próximo passo do que seria o jornalismo. “Na China, durante a Dinastia Tang (618-907), foi criado o “*tipao*”, boletim oficial que circulava entre a elite do país” (GIACOMELLI, 2008, p.18). Nesse mesmo tempo, a Europa estava sob a era da “notícia falada”, como ocorria em Roma. (GIACOMELLI, 2004, p.18)

Uma revolução ocorreu no século XV quando o alemão Johannes Gutemberg¹⁵ desenvolveu uma prensa de tipos móveis, a partir desta “invenção” dá-se o marco precursor da imprensa, como conhecemos hoje. A organização não era uma grande preocupação e a periodicidade dos noticiários, era inconstante. “Muitos traziam apenas informações comerciais e outros carregavam em reportar escândalos, sensacionalismos e fofocas. As notícias não eram ordenadas, apenas listadas por ordem cronológica.” (GIACOMELLI, 2008, p.18).

No século XVIII, Londres já possuía uma população de aproximadamente 700 mil habitantes, fator que dificultava a difusão de notícias faladas. A partir de 1702, com o

¹⁵ Ilustração de Johannes Gutemberg, inventor da prensa de tipos móveis (Ver FIGURA 13 no ANEXO G)

sucesso do primeiro noticiário londrino, os jornais passaram a dar mais atenção às notícias locais. Contratavam pessoas que levassem notícia aos principais locais de movimento da cidade, como cafeterias e outros locais públicos. (GIACOMELLI, 2008, p.19).

A criação do jornalismo (entre 1853 e 1861), se deu através da eliminação de vários impostos cobrados sobre a circulação dos jornais ingleses. (CHALABY, 1998 *apud* GIACOMELLI, 2008)

Com o fim desses impostos criou-se um grande espaço no mercado para jornais e revistas que foram despertando o interesse de grandes grupos empresariais. Com o aumento da demanda o jornalismo acabou se tornando uma indústria e essa concorrência que disputava a atenção do público com o objetivo de obter lucro, foi responsável pelo início do jornalismo como conhecemos hoje e pela criação do “discurso profissional” dos jornalistas - “os chefes passaram a dizer de que forma os textos deveriam ser escritos para que o jornal atingisse seu público com mas eficiência (e lucro)”. (CHALABY, 1998 *apud* GIACOMELLI, 2008)

Estava então consolidado o jornalismo propriamente dito, cabendo a todos o aperfeiçoamento na maneira de noticiar um fato. Deu-se um desenvolvimento no jornalismo primitivo que agregou novos conceitos à forma de se divulgar um acontecimento. Ordem, relação de noticiabilidade e outros caracteres pertinentes ao jornalismo foram se modificando com o tempo, até a atualidade.

2.2. A sociedade imagética

Qualquer que seja a forma de expressão estudada, é importante estabelecer sua relação com a sociedade. A fotografia em especial sempre gerou polêmica quanto a seus diversos aspectos: referência e irrelevância, arte e registro, documentação e notícia, vantagens e desvantagens.

Vários autores que discorreram sobre a imagem abordaram os pontos positivos mas reconheceram que também existem as facetas negativas desta técnica mecânica e prática.

Fato é que vivemos em uma sociedade imagética, que consome e produz informações visuais em larga escala. Esta relação entre a sociedade e a fotografia é carregada de características relevantes no processo que resultou no fotojornalismo.

Em seu discurso sobre fotografia, Susan Sontag (2004), faz referência à caverna de Platão quando diz que a humanidade ainda permanece com a ideia de buscar imagens da verdade. Durante o desenvolvimento da técnica fotográfica a sociedade nos educou de maneira categórica na necessidade de registrar todas as imagens possíveis.

O inventário teve início em 1839, e, desde então, praticamente tudo foi fotografado, ou pelo menos assim parece. Essa insaciabilidade do olho que fotografa altera as condições do confinamento na caverna: o nosso mundo. Ao nos ensinar sobre um novo código visual, as fotos modificam e ampliam nossas ideias sobre o que vale a pena olhar e sobre o que temos o direito de observar. (SONTAG, 2004, p.13)

Sontag propõe que o resultado mais inusitado desta atividade, é a sensação que temos de que há uma maneira de reter o mundo inteiro em nossa cabeça. A importância da fotografia para a sociedade demonstra que várias de suas características afetam diretamente a maneira como o ser humano enxerga o mundo. “Fotografar é apropriar-se da coisa fotografada. Significa pôr a si mesmo em determinada relação com o mundo, semelhante ao conhecimento.” (SONTAG, 2004, p.14)

A fotografia além de relacionar o ser humano com o meio em que ele vive, também fornece um testemunho. Ela comprova qualquer coisa que possamos dizer mas, que por um motivo ou outro, torna-se um objeto de desconfiança. “Uma foto equivale a uma prova incontestável de que determinado fato aconteceu. A foto pode distorcer; mas sempre existe o pressuposto de que algo existe, ou existiu, e era semelhante ao que está na imagem.” (SONTAG, 2004, p.16). É como se as fotografias não fossem manifestações do mundo e sim parte dele, verdadeiras miniaturas.

Assim, consta que a foto é uma prova incontestável de que determinado fato ocorreu, e mesmo que ela distorça o fato em si, causando múltiplas interpretações o que não se pode deixar de notar é que existe o pressuposto de que algo - ainda que parecido - próximo ao que está na imagem de fato aconteceu. (SONTAG, 2004, p.16)

A fotografia tem o poder de ser intransigível; um pleonasmo incontestável. “A Fotografia (...) tem algo de tautológico: um cachimbo, nela, é sempre um cachimbo, intransigentemente” (BARTHES, 1984, p.15)

A fotografia faz parte da sociedade e tornou-se um passatempo, como um rito social. Sontag exemplifica seu pensamento, referindo-se à sua utilização.

Comemorar as conquistas de indivíduos tidos como membros da família (e também de outros grupos) é o uso popular mais antigo da fotografia. Durante pelo menos um século a foto de casamento foi uma parte da cerimônia tanto quanto as fórmulas verbais prescritas. As câmeras acompanham a vida da família.(...) Não tirar fotos dos filhos, sobretudo quando pequenos, é sinal de indiferença paterna, assim como não comparecer à foto de formatura é um gesto de rebeldia juvenil. (SONTAG, 2004, p.19)

Percebe-se tamanha importância que a fotografia passou a ter, na sociedade, não apenas no registro do momento, mas na formação de uma identidade da família, que se perpetua através da imagem. Cada família constrói sua própria história com os pequenos registros sem ao menos se importar com as atividades fotografadas, neste caso, o importante é eternizar e estimar os momentos paralisados pela câmera. (SONTAG, 2004, p.19)

Outro ponto interessante explicado por Sontag é com relação aos registros de espaço, que Sontag explica: “Assim como as fotos dão às pessoas a posse imaginária de um passado irreal, também as ajudam a tomar posse de um espaço em que se acham inseguras. Assim, a fotografia desenvolve-se na esteira de uma das atividades mais típicas: o turismo” (SONTAG, 2004, p. 19).

É mais comum do que se parece, encontrar pessoas que ao viajar, levam consigo suas câmeras. Este fato é como se fosse obrigatório, na verdade a viagem nem se tornaria tão interessante, não fosse o fato de se obterem os registros dos locais e momentos. Mais uma vez, as fotografias tem a característica de servirem como prova incontestável. A fotografia então passou a servir como prova de participação. (SONTAG, 2004, p.20)

Segundo Sontag (2004) essas características citadas, assim como tantas outras existentes, são para exemplificar essa cultura imagética da sociedade que de certa forma precisa “ver para crer”. Por essa cultura de registros a qual somos submetidos desde os tempos em que a fotografia ainda era praticamente inacessível, faz-se tão necessária a fotografia dentro do jornalismo. O texto supre a necessidade da informação enquanto que a imagem, pode suprir a necessidade da comprovação do fato.

2.3. Fotojornalismo e seus precedentes

Historicamente, Daguerre foi um dos precursores da fotografia, mas sua invenção só seria utilizada em parceria com o jornalismo mais de 50 anos depois.

Constam em algumas pesquisas norte-americanas, que o veículo pioneiro no uso da fotografia na imprensa se deu em Nova Iorque pelo jornal *The New York Graphics* (PHILIPS, 1996; EDON, 1976 *apud* GIACOMELLI, 2008). Porém, outros autores fazem referência aos jornais e revistas europeias em 1871, 1877. (SOUSA, 2008 *apud* GIACOMELLI, 2008). Já no Brasil, a primeira fotografia foi publicada pela *Revista da Semana*, em 1900.

Toda essa demora desde a invenção da fotografia por Daguerre até a primeira publicação na imprensa, é explicada por Giacomelli (2008, p.22.), que expõe as principais dificuldades que impediram a difusão das fotografias juntamente com os periódicos.

A demora de mais de meio século na publicação de fotografia se deveu às dificuldades técnicas em reproduzir os cerca de 256 tons de cinza – do branco absoluto ao preto absoluto- da imagem fotográfica em preto-e-branco, pelas impressoras dos jornais e revistas da época, que utilizavam a tecnologia da impressão a traço. (GIACOMELLI, 2008, p.22)

Daguerre contribuiu com grande importância no processo fotográfico, mas foi o aperfeiçoamento da daguerreotipia, feito pelo inglês Henri Fox Talbot, que precedeu a fotografia moderna. Talbot usava papel sensibilizado com sais de prata como suporte na captação da imagem. A nova , que recebeu o nome de Talbotipia, permitia que fossem duplicadas as imagens captadas. Com o desenvolvimento das técnicas fotográficas, as possibilidades de acoplar a fotografia aos noticiários, passaram a ser cogitadas. (GIACOMELLI, 2008, p.12)

Os primeiros fotógrafos foram pintores e por este aspecto, havia um resquício de desconfiança quanto à credibilidade das imagens. Assim, alguns editores ainda hesitavam em utilizar a fotografia acompanhada de textos, porque desvalorizava a seriedade da informação e também, segundo Sousa (2004, p. 17), porque as fotografias não tinham o cunho jornalístico das convenções dominantes da época. Possivelmente, esta associação à

pintura e arte enquadrando a fotografia como ilustração ao invés de informação imagética. (SOUSA, 2004, p.17).

Porém, ainda tratando-se dos profissionais que atuavam na ilustração dos periódicos, vale ressaltar um fator que contribuiu para a inserção da fotografia no meio jornalístico, desta vez não como mera ilustração mas como objeto de informação. Na década de 80, do século XIX, os jornais ainda pagavam um alto preço aos ilustradores. Estes funcionários, ficavam responsáveis por cada ilustração – que era feita à mão – dos jornais. A fotografia trouxe consigo uma grande possibilidade de economia à indústria gráfica, uma vez que o processo de produção fotográfico era mais viável do que o alto custo de se manter um ilustrador. Ainda nesta mesma época o processo fotográfico e o processo de impressão das imagens foi se modernizando e tornando financeiramente viável à imprensa. (GIACOMELLI, 2008, p.23)

Philips (1996) explica o motivo: preparar fotografias para impressão custava apenas um décimo do valor necessário para imprimir uma ilustração, gravada em madeira ou pedra de impressão por artistas habilidosos. Esses monopolizavam, via sindicatos, a confecção de imagens nas redações e possuíam salários astronômicos. (PHILIPS, 1996 apud GIACOMELLI, 2008)

Por conta desta popularização do processo de impressão, a prática de utilizar as fotografias para ilustrar os periódicos difundiu-se rapidamente e em pouco tempo surgiram novas publicações ilustradas.

Todos esses fatores contribuíram para o surgimento de várias novas publicações, principalmente de revistas ilustradas, que por suas características e pelo baixo custo, tiveram uma ótima aceitação dos leitores. Por conta dessa grande demanda, ocorreu a necessidade de um novo tipo de profissional nas redações.

(...) os primeiros profissionais da fotografia jornalística eram escolhidos mais por atributos físicos do que jornalísticos ou intelectuais: as pesadas câmeras da época e a baixa sensibilidade das emulsões fotográficas exigiam força física para o manuseio do equipamento. (Freund, 1995 apud GIACOMELLI, 2008)

Para que a fotografia fosse interessante à imprensa, ela precisava ser clara, já que as tintas da impressão emplastavam quando em grande quantidade, devido a pouca tecnologia. Nesta época a preocupação com a fotografia no jornalismo ainda não era

informar e sim ilustrar. Um dos fatores para isto, era a dificuldade no manuseio do equipamento.

O fim da Segunda Guerra Mundial (1945), trouxe grandes mudanças na Alemanha – que foi derrotada no conflito. As grandes cidades alemãs possuíam muitas revistas ilustradas e com uma periodicidade razoável. O momento de crise era ideal para este tipo de mudanças no *fazer jornalístico*. Uma vez que obtiveram boa aceitação, as revistas ilustradas eram como um refúgio à população que ainda sofria com as consequências de uma guerra recente. Desenvolveu-se então duas maneiras de se utilizar a fotografia no jornalismo: a primeira era utilizar a fotografia como um “resumo” do acontecimento, esta, retratava através da imagem, tudo o que havia ocorrido. A segunda, era contar uma sequência de fatos de forma a produzir o contexto. Várias fotografias eram dispostas em uma sequência lógica e “narravam” os fatos ocorridos. (GIDAL, 1973 *apud* GIACOMELLI, 2008, p.25)

No século XIX, na década de cinquenta, a fotografia já dispunha de avanços técnicos, químicos e óticos que possibilitaram atingir o 'realismo' que antes, não era encontrado na fotografia por causa de sua proximidade com a pintura. As fotos passaram então, a ter mais 'credibilidade' para ser usada nos jornais.

A fotografia passa a ser vista com outros olhos, quando alguns editores perceberam que o leitor também queria ser um observador visual e que a fotografia era vista como um forte recurso capaz de persuadir, por causa de suas características realistas. À medida em que a preocupação com a fotografia passou a ser levada em conta, os critérios de sua utilização também ganharam destaque. Os critérios de noticiabilidade, antes usados para selecionar as notícias que seriam veiculadas, passaram a ser utilizados também pelos editores, ao escolherem as fotos que ilustrariam as matérias. (SOUSA, 2008, p.39)

A primeira utilização da fotografia como prova “incontestável” da verdade, estava então consolidada no fotojornalismo. A fotografia que além de ilustrar, muitas vezes tem a função de informar ou complementar o texto da matéria, e ganha um espaço cada vez maior no âmbito profissional, uma vez que o recurso visual sempre estimulou o homem de uma maneira muito eficaz.

3. O TEXTUAL E A IMAGEM

O fotojornalismo, foi resultado de várias tentativas e adaptações dos veículos impressos. O que conhecemos atualmente tem outro aspecto na história da imprensa. Apesar de ter sido encarada como registro da verdade e ter possuído uma excelente aceitação na sociedade, a fotografia ainda demorou a ser utilizada nos veículos impressos. “Esses editores desvalorizavam a seriedade da informação fotográfica e também consideravam que as fotografias não se enquadravam nas convenções e na cultura jornalística dominante” (SOUSA, 2002).

Atualmente, a fotografia ocupa um espaço considerável no ato jornalístico. São raros os periódicos que não possuem ilustrações deste tipo. Mesmo com tanta dificuldade em encontrar bibliografias que discorram sobre este assunto, pode-se perceber um aumento considerável do interesse por este ramo jornalístico.

Segundo Jorge Pedro Sousa, o fotojornalismo é, na realidade “uma atividade sem fronteiras teiras claramente delimitadas. O termo pode abranger quer as fotografias de notícias, quer as fotografias dos grandes projetos documentais, passando pelas ilustrações fotográficas (...) entre outras.” (SOUSA, 2002, p.7-8).

Sousa (2002) considera, de forma prática, as fotografias jornalísticas como sendo aquelas que possuem “valor jornalístico”¹⁶ e que são utilizadas unicamente com a função de transmitir alguma informação que complemente o texto a que está associada.

De qualquer modo, a finalidade inicial do fotojornalismo é academicamente a mesma do que nos restantes tipos de jornalismo. Diante os fatos, Sousa (2002) conclui que ao se falar de fotojornalismo, não se há de citar apenas a fotografia: “A fotografia é ontogenicamente incapaz de oferecer determinadas informações, daí que tenha de ser complementada com textos que orientem a construção de sentido para a mensagem.” (SOUSA, 2002, p.37)

Esta tradição ilustrativa, criada ao longo dos anos, fortaleceu a “credibilidade” dos registros visuais e diante esta demanda, o fotojornalista necessitou se apropriar de um sentido específico para registrar os acontecimentos. Podemos dizer que assim como no jornalismo impresso, ou na construção de qualquer matéria jornalística, a fotografia em

¹⁶ Levando em consideração que cada órgão de comunicação tenha seus próprios critérios de valorização da informação (de acordo com a linha editorial da empresa). É difícil expressar o que é possuir “valor jornalístico”, mas neste caso, o termo segue os critérios de avaliação do jornalista independente do veículo.

função de atender a necessidade da informação visual dos leitores, deve possuir algumas características para que sua função informativa se aplique devidamente.

3.1. O desenvolvimento do fotojornalismo

A princípio, a fotografia foi criada em um ambiente bem propício à sua utilização, logo de início, ela foi aceita como um registro visual da verdade, fato que facilitou sua utilização no meio jornalístico. “ Deste ponto, rapidamente incorporou-se no fotojornalismo, em consonância com a visão da época, a ideia da construção social da realidade, processo que em parte se nutre na ação dos *media*. ” (SOUSA, 2004, p. 10).

Em sua análise crítica sobre o fotojornalismo, Sousa (2004) ratifica que a noção do termo é muito difícil de ser definida, pelo fato de ser sobretudo, uma miscelânea de fotógrafos e registros desconexos a atuarem neste campo. Nem sempre as visões fotográficas, de técnicas e de expressão se convergem a uma definição precisa. Assim sendo, o autor julga que a melhor forma de conceituar a prática do fotojornalismo é abordá-lo no sentido lato e no sentido restrito, lembrando que esta prática deve ser pensada a partir da combinação de texto e imagem. (SOUSA, 2004, p.10-12)

No sentido amplo, Sousa (2004) entende o fotojornalismo como a atividade de produção de fotografias informativas, documentais ou ilustrativas para a imprensa. Neste caso o destaque é para a intenção e finalidade da foto, não pelo seu valor 'comercial'. “Assim, num sentido lato podemos usar a designação fotojornalismo para denominar também o foto documentarismo e algumas foto ilustrativas que se publicam na imprensa.” (SOUSA, 2004, p.12). Já o sentido restrito do fotojornalismo, Sousa (2004) entende pela atividade que pode visar informar ou opinar através da fotografia. Assim explica:

No sentido restrito, entendo por fotojornalismo a atividade que pode visar informar, contextualizar, oferecer conhecimento, formar, esclarecer ou marcar pontos de vista (“opinar”) através da fotografia de acontecimentos e da cobertura de assuntos de interesse jornalístico. Este interesse pode variar de um para outro órgão de comunicação social e não tem necessariamente a ver com os critérios de noticiabilidade dominantes. (SOUSA, 2004, p.12)

Neste sentido restrito, o fotojornalista se distingue-se do foto documentarista através de seu método, ao passo que o primeiro está suscetível às inconstâncias dos fatos. Neste caso, o fotojornalista trabalha com o inusitado e raramente sabe o que vai fotografar enquanto que o foto documentarista de certa forma 'roteiriza' seu trabalho e consegue definir quais são os campos e de que maneira pode abordar os assuntos que são previamente escolhidos e trabalhados. (SOUSA, 2004, p.12)

3.2. Os gêneros fotojornalísticos

Mesmo sendo muito subjetivo, alguns autores classificam os gêneros fotojornalísticos. Sousa (2002) cita que alguns livros e manuais, fazem essa classificação e baseado nesses autores, explica as principais classificações:

A generalidade dos manuais e livros sobre fotojornalismo (por exemplo: Lester, 1991; Kobre, 1991; AP,1990) classifica os gêneros fotojornalísticos em notícias (englobando os subgêneros spot news e das notícias em geral), features, retrato, ilustrações fotográficas, paisagem e histórias em fotografias ou picture stories (que engloba os subgêneros das foto-reportagens e dos foto-ensaios, podendo misturar fotografias de várias categorias anteriores). (SOUSA, 2002, p. 109)

Pode-se dizer que os gêneros fotojornalísticos não categóricos tal como no jornalismo textual, esta identificação varia de acordo com a intenção da foto ou o contexto ao qual ela está inserida.

Como o fotojornalismo é uma integração de texto e fotografia, a forma textual ligada a ela é essencial na identificação do gênero. Sousa (2002) exemplifica: “uma fotografia de notícias, se for individualmente considerada, poderá ser (ou parecer) um retrato ou uma *feature photo*. Mas, devidamente contextualizada, será sempre uma fotografia de notícias em geral. (SOUSA, 2002, p.110). Seguindo com os estudos dos gêneros fotojornalísticos, faz-se necessária uma breve explicação sobre 'quais são os gêneros' e 'como eles são identificados'.

3.2.1 – Fotografias de notícias

Este gênero basicamente se divide em dois subgêneros: *spot news* e *fotografias de notícias em geral*. A princípio, o *spot news*¹⁷ são as fotografias que captam um momento 'único', são geralmente imprevistos. Assim, o jornalista não tem muito tempo para pensar a imagem e a foto é capturada por um impulso e neste caso, a qualidade jornalística da foto é medida através da reação do foto-repórter. Para que as fotografias deste gênero sejam excelentes, é preciso um pouco de experiência, porque “ é a experiência que permite a um fotojornalista obter, com rapidez, fotografias comunicativamente claras e compostas de forma a tornar a cena principal imediatamente reconhecível.” (SOUSA, 2002, p.110). Esta experiência, permite ao jornalista, reconhecer e compor os principais elementos indispensáveis ao leitor, para que este reconheça imediatamente a ideia principal passada pelo profissional.

Assim como o repórter, o fotojornalista deve se ater aos fatos que ocorrem além de sua pauta, priorizando também os eventos jornalisticamente relevantes que encontrar. As fotos *spot news* geralmente são captadas no 'calor da emoção', no auge do acontecimento e exige do jornalista alguma responsabilidade e tato, para lidar com as pessoas envolvidas. O autor ainda destaca:

Realce-se que, em certos casos, um conjunto de várias *spot news* sobre uma ocorrência pode funcionar como uma história em fotografias. Por exemplo, um conjunto de *spot news* sobre uma revolução, dependendo da forma como forem integradas em conjunto, pode funcionar como uma *picture stories*. (SOUSA, 2002, p.111)

A subjetividade acerca dos gêneros fotojornalísticos muitas vezes confundem a classificação e o *spot news* é um dos mais 'difíceis' de serem classificados, porque as fotografias desse gênero possuem várias características inerentes aos demais.

O segundo subgênero identificado por Sousa (2002) em seus estudos, é o *notícias em geral (general news)*¹⁸. Este, classifica as fotografias que permitem ao fotógrafo se planejar (inclusive com relação à escolha do equipamento) e pensar a fotografia antes do

¹⁷ Exemplo de Spot News (FIGURA 14 no ANEXO H)

¹⁸ Exemplo de Notícias em Geral (FIGURA 15 no ANEXO H)

ato fotográfico. Na maioria das vezes estas fotos são obtidas em coberturas de eventos e outras ocorrências previamente planejadas. “Geralmente o fotojornalista seleciona apenas uma fotografia sobre cada acontecimento. (...) esta fotografia "única", idealmente, deve representar o essencial do acontecimento em causa.” (SOUSA, 2002, p.113).

3.2.2 – Features

São consideradas *features*¹⁹, as fotografias possuem sentido próprio, ou seja, reduzem a extensão do texto complementar. Nesta categoria, a rapidez faz-se necessária também. A imagem precisa se bastar e algumas vezes pode exigir uma certa paciência por parte do fotorrepórter para que este, consiga captar bons momentos (alguma ação específica, expressão, reação, etc). Segundo Sousa (2002), esta categoria proporciona mais liberdade artística ao profissional, justamente por essa necessidade de ser uma imagem 'forte': “ O que interessará ao editor fotográfico é uma imagem incomum, cheia de força visual, frequentemente colorida, capaz de atrair imediatamente o leitor, desde que inserida numa página importante com um tamanho condigno.” (SOUSA, 2002, p. 114). O autor ainda destaca que o humor é uma das situações mais utilizadas para este tipo de fotografia, porque evoca momentos que amenizam a dureza do dia a dia .

Vale ressaltar ainda, que as *features*, são fotografias que dependem além da capacidade de observação, da 'malícia' e maturidade do fotojornalista. “Se um fotojornalista é fotojornalista a tempo inteiro e tem brio profissional, ele estará preparado para fotografar, e fotografará, tudo o que tenha manifesto interesse jornalístico e força visual, mesmo que não esteja de serviço.” (SOUSA, 2002, p. 115).

Há também que se tomar um certo cuidado com indivíduos fotografados, ainda que em um contexto interessante ao fotojornalismo. É importante que o fotojornalista se 'proteja' com relação às leis de direitos autorais e direitos de imagem.

3.2.3 – Retrato

¹ ⁹ Exemplo de *Features* (FIGURA16 no ANEXO I)

O retrato fotojornalístico tem sua existência baseada na necessidade que o humano possui em conhecer completamente a história retratada, incluindo seus personagens. O grande diferencial neste tipo de fotografia, é captar traços da personalidade do indivíduo, neste caso, o apelo é registrar a expressão facial já que este, é um elemento primordial na comunicação. (SOUSA, 2002, p.122)

Além de uma excelente técnica, necessária para aproveitar de maneira eficaz as condições de enquadramento e iluminação disponíveis, é preciso que fotojornalista também disponha de tempo, para verificar as possibilidades e conseguir um registro satisfatório. “Por vezes acontece que determinados objetos podem distrair a atenção do leitor, podem dificultar o enquadramento, mas são elementos característicos do ambiente que rodeia o retratado.” (SOUSA, 2002, p.123).

Nestes casos é indispensável também, a habilidade em lidar com desafios diversos e se aproveitar- da melhor maneira possível – das circunstâncias que surgem.

3.2.4 – Ilustrações fotográficas

Ainda que alguns fotógrafos não considerem este, um subgênero do fotojornalismo, as ilustrações fotográficas²⁰ se integram nesse âmbito. Porém, para evitar maiores complicações,

(...) alguns jornais nomeadamente nos Estados Unidos, têm fotógrafos específicos para a realização destas imagens, evitando assim que o seu corpo de fotojornalistas eventualmente se descibilize perante um público que poderia associar a manipulação da imagem que muitas vezes se faz quando se fabricam e tratam photo illustrations, às fotografias de acontecimentos que os mesmos fotorepórteres produziriam. (SOUSA. 2002, p. 125).

Este subgênero pode se construir através de uma única fotografia ou através de uma fotomontagem e tem por finalidade, como o próprio nome já diz, ilustrar determinada matéria. Este recurso é muito utilizado pelo apelo visual que possui.

²⁰ Exemplo de '*Ilustração Fotográfica*' (FIGURA 18 no ANEXO J)

Com a tecnologia atual, são usados com mais frequência, uma vez que contribuem para o aspecto visual do veículo. O grande diferencial deste subgênero fotográfico, é que este, necessita de preparo, paciência e muita técnica. Neste caso a fotografia é 'construída' previamente e tem um propósito específico a cumprir. Além disso, deve ressaltar que este trabalho precisa ser claro e objetivo.

3.2.5 – Histórias em fotografias ou *picture stories*

Este gênero jornalístico caracteriza-se por uma série de fotografias que em conjunto, relatam determinado fato. Segundo Sousa (2002) as histórias em fotografias são peças importantíssimas ao portfólio de um fotojornalista, assim como as reportagens são para os redatores e explica:

De algum modo, as *picture stories* correspondem à noção mais completa de **foto-reportagem**, muito embora o conceito “fazer uma reportagem fotográfica” tanto sirva para um foto-relato em várias imagens como para uma abordagem usando apenas uma fotografia. (SOUSA. 2002, p. 127).

Produzir uma história em fotografia é algo trabalhoso que necessita de tempo e pesquisa, além de uma grande quantidade de fotografias. Normalmente estas foto histórias são como contos do cotidiano ou algum fator social sobre a vida das pessoas.

Uma fotorreportagem requer esclarecimentos, pesquisa à fontes e apuração, como em qualquer reportagem seja ela impressa ou veiculada através do rádio e da TV. Ainda sim, em alguns casos, a fotografia única ainda é melhor vista do que as *pictures stories*²¹ por alguns jornalistas de modo que “uma vez que a fotografia única bem conseguida congela um instante capaz de sintetizar tudo o que um acontecimento foi e significa.” (SOUSA. 2002, p. 127).

Usualmente, as histórias em fotografia, procuram retratar algum problema social, ou acontecimentos que envolvem a vida das pessoas. Desta maneira Sousa (2002) compara esta prática à técnica redatorial que consiste em utilizar um 'personagem' que caracterize a situação a ser tratada para exemplificar e humanizar a matéria e a partir disso, abordar o tema de uma maneira geral.

²¹ Exemplo de '*Picture stories*' (Ver FIGURA 19 no ANEXO K)

A *pictures stories* quando comparada aos demais gêneros fotojornalísticos, tem um teor mais livre, uma vez que a história foi previamente pesquisada e estudada pelo profissional e o fotorrepórter provavelmente seguirá um cronograma para obter a sequência de fotos. A maioria das fotografias deste gênero deve surpreender as personagens principais para que no resultado final, apareça algum traço pessoal do indivíduo. “São fotografias que ajudam a **simbolizar** a situação do retratado” (SOUSA. 2002, p. 130). O autor ressalta também um detalhe peculiar a este gênero:

No meio de tantas fotografias-tipo, quando fotografa, o fotojornalista deve esforçar-se para imaginar como é que a sua história vai ser contada e, portanto, como é que ela vai ser paginada. As histórias em fotografias devem ter um princípio, um meio e um fim. Quando se trata de um foto-repórter maduro e experiente, geralmente é ele que selecciona as imagens que pretende que corporizem a sua história. Noutros casos, é, normalmente, o editor a escolher (...) (SOUSA. 2002, p. 130).

Vale ainda ressaltar uma outra característica deste gênero: Nas histórias em fotografia os textos que a acompanham são escritos pelos próprios profissionais ainda que geralmente passem por uma revisão dos editores responsáveis.

Ainda tratando-se das histórias em fotografias, o autor refere-se a outros dois subgêneros: o Foto Ensaio e a Fotorreportagem. O Foto Ensaio, caracteriza-se basicamente por seu intuito em *analisar a realidade* e exprimir sua opinião sobre ela (fotografia sobre ponto de vista).

Na maioria das vezes nesses 'foto ensaios' a imagem tem um apelo tão forte que a fotografia se equipara ao texto em nível de importância e visibilidade. Porém há ainda uma diferença significativa entre os Foto Ensaios e o outro subgênero citado por Sousa (2002)

Uma das diferenças mais significativas e comuns entre as fotoreportagens e os foto-ensaios na actualidade reside na abertura destes últimos a formas alternativas de expressão. Por exemplo, em alguns foto-ensaios (...) os fotógrafos não hesitam em recorrer à encenação fotográfica; noutros, recorrem à truncagem e à combinação de imagens (...); noutros ainda, manipulam digitalmente a fotografia. (SOUSA. 2002, p. 131)

O segundo subgênero citado por Sousa (2002) é o das Fotorreportagens que tem um objetivo pouco mais específico do que o anterior. Na maioria das vezes este subgênero caracteriza-se por sua nítida intenção de situar, documentar, mostrar a evolução e caracterizar a situação que será retratada. Em contraposição ao Foto Ensaio, a fotorreportagem utiliza legendas e algumas vezes, pequenos textos de introdução que não precisam necessariamente, casar com apenas uma imagem, mas com todo o trabalho. “Esse texto, de uma forma geral, serve principalmente para orientar a leitura das imagens, embora também as complemente.” (SOUSA. 2002, p.131-132)

3.3 A linguagem fotojornalística

Seguindo a linha de pensamento de Barthes, Sousa (2002, p.75) considera que a linguagem fotojornalística é uma compilação de elementos que juntos, geram o sentido informativo. Tais elementos são: os textos que dão sentido à imagem, a pose, a presença de determinados objetos na fotografia, a utilização de várias imagens, a legenda usada, etc. Cabem ainda alguns recursos elementares da linguagem fotográfica que merecem ser considerados, como a relação de espaço e tempo, a utilização de planos e profundidade de campo, a sensação de movimento na fotografia, etc.(SOUSA, 2002, p. 17)

No fotojornalismo, o texto é um elemento de mesma importância que a fotografia. Sousa (2002) considera ainda, que não há fotojornalismo sem a utilização de texto. Entre as principais funções do texto no fotojornalismo, o autor ressalta: O texto com a função de chamar a atenção para a própria imagem ou algum detalhe relevante; o texto com a função complementar quando a imagem não é capaz de transparecer conceitos abstratos, o texto conotando a fotografia e orientando o leitor para possíveis significados atribuídos a ela, o texto com a função de interpretar e analisar a fotografia e seu conteúdo; e ainda, o texto com a função de denotar a fotografia, direcionando o leitor para o que a imagem representa. (SOUSA, 2002, p. 76).

Além do texto existem os outros elementos de mesma importância citados por Sousa (2002, p.75) como o enquadramento, os planos de focagem e a composição, que são a matéria-prima de um bom trabalho jornalístico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fotografia é um dos recursos visuais mais utilizados no fotojornalismo. As ilustrações e gráficos fazem parte desses recursos visuais, porém seu impacto ainda é menor do que uma imagem.

A partir das entrevistas com os profissionais atuantes nesse ramo do jornalismo, pôde-se concluir que os critérios de noticiabilidade usados para a seleção das fotografias que ilustram uma matéria, são na verdade os mesmos utilizados no jornalismo impresso. O assunto necessita ser primordialmente, de interesse público e a imagem precisa passar o maior número de informações básicas como: “O que?”, “Quem?”, “Quando?”, “Como?”, “Onde?” e “Por que?”.

É importante ressaltar que segundo a maioria dos profissionais, a fotografia precisa falar por si só, ela deve ter um significado para o leitor, sem que este, necessite de uma legenda para entender a foto. No fotojornalismo é importante passar para o leitor toda a emoção do fato. A foto precisa chamar a atenção ainda na banca de jornal e não tem a necessidade de ser bonita, deve ser necessariamente informativa.

Mesmo tendo outras funções (inclusive ilustrar) a fotografia precisa conter os objetos principais, do assunto a ser abordado na matéria jornalística. Além disso é necessário também, tomar cuidado com objetos secundários que por ventura possam aparecer na fotografia, para que esta não tenha seu objetivo desviado.

De maneira geral o fotojornalismo é uma composição entre texto e imagem, onde os dois elementos se complementam para formar um único significado. A relação entre o repórter fotográfico e o jornalista redator é tão importante quanto a própria matéria.

Um bom profissional na área do fotojornalismo deve manter seus equipamentos sempre preparados e deve se ater aos detalhes do ambiente. Sempre que possível, é importante se informar sobre o assunto da pauta e estar preparado para lidar com imprevistos e situações de risco.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas: Papyrus, 1994.

FALAVIGNA, Maurício. História da Fotografia. São Paulo, p.01-21, 2002. Disponível em: <http://www.4shared.com/document/sNE4T3G2/Mauricio_Falavigna_-_Histria_d.html>
Acesso em: 27/09/2011.

GIACOMELLI, Ivan Luiz. **Critérios de noticiabilidade e o fotojornalismo**. Discursos Fotográficos, Londrina, n.5, p. 13-36, jul./dez. 2008.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. 2. ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial. 2001.

_____. **Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo**. Cotia: Ateliê Editorial, 2007.

PEUCER, Tobias, **Os relatos jornalísticos**. Tradução de Paulo da Rocha Dias. Florianópolis: Estudos em Jornalismo e Mídia, s v.1, n.2, p.13-29, jul./dez. 2004. (Original em 1690)

SALLES, Filipe. Breve histórico da Fotografia. In: *Manual de Fotografia e Cinematografia*. São Paulo, p.2-14, 2004. Disponível em: <http://www.mnemocine.com.br/download/manual_introd_cap1_hist.pdf> Acesso em 20/08/2011.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo: uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**. Porto Alegre: [s.n.], 2002.

_____. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. Chapecó/Florianópolis: Argos Editora Universitária & Letras Contemporâneas, 2004.

TAVARES, Frederico M.B. **Fotografia e Linguagem: para pensar a comunicação**. Mediação, Belo Horizonte, n.5, p. 141 – 159, nov. 2006.

APENDICE A

FICHA TÉCNICA:

Nome: ÂNGELO ALFREDO SAVASTANO²²

Idade: 57 anos.

Empresa: DIÁRIO REGIONAL.

Editoria: Geral - Reporter Fotográfico.

Formação acadêmica: Graduando em comunicação jornalismo (8º período)

Há quanto tempo trabalha com fotografia? Mais de 20 anos.

Já trabalhou com algum tipo de fotografia artística ou social? Sim.

A quanto tempo trabalha no atual veículo? Seis meses.

ENTREVISTA COM O REPÓRTER FOTOGRÁFICO ÂNGELO SAVASTANO

1 Como e quando começou seu interesse pela fotografia?

Começou quando eu fazia "o ponto de referencia" para meu pai fotografar a gente. Desde cedo a paixão pela captura de imagens faz parte da minha vida.

2 Para você, qual o sentido da fotografia no jornalismo?

No jornalismo atual a fotografia é condição essencial chamar à atenção de leitor. A imagem deve ser uma foto legenda, onde o leitor entende o fato, vivencia a situação. A foto deve trazer o leitor para dentro da matéria

3 Qual o tipo de reportagem você cobre com mais frequência? Tem preferência por algum tema?

Sou o reporter fotográfico responsável por todas as pautas do Diário Regional, por isso faço desde a editoria de policia até fotografias de pontos turisticos de Juiz de Fora. Gosto de fotografar o cotidiano, as pessoas, a vida urbana na formação socio-antropologica das cidades.

4 Quando você sentiu mais dificuldade em uma cobertura fotográfica?

Estávamos indo para cobrir uma batida policial no alto da Vila Ideal, quando chegamos a policia já havia ido embora. Os moradores nos confundiram com a polícia e se revoltaram com nossa presença. Saímos correndo.

5 Na sua opinião quais características são necessárias a uma fotografia, para que esta seja considerada jornalística?

No foto jornalismo, o importante é passar para o leitor toda a emoção do fato. A visão tem que ser do leitor. A foto tem que chamar à atenção na banca de jornal. Tem que motivar o leitor a levar o jornal para casa. Senão só estamos fazendo fotos bonitas e não informativas.

6 Existe algum detalhe que separa a fotografia jornalística da fotografia social ou artística?

²² ² (Ver FIGURA 20 no ANEXO L)

Sim. A fotografia Jornalística vem de um instantâneo do fato. Poucas vezes preparamos a foto. Veja por exemplo a cobertura do incendio na Florianiano. Eu estava preparando a máquina quando ouvi um ruído. Só deu para acionar o disparador, captei o momento exato da primeira explosão. Já a foto social ou artística, a gente faz o bate-revisa. Se não ficou boa fazemos outra.

7 Você procura alguma referência em trabalhos de outros colegas de profissão? Pode citar algum que de certa forma, sirva de exemplo?

Tenho grande admiração pelo fotógrafo Augusto Malta. Suas imagens, valiosos registros urbanísticos são importantes instrumentos de pesquisa da memória do Rio de Janeiro. O Jorge Couri, que perpetuou a história de Juiz de Fora com suas fotografias, fazendo da imagem um capítulo à parte da história da imprensa em nossa cidade.

8 Ao chegar em um local para fazer uma cobertura fotográfica, que tipo de informação (visual ou não) você busca para se informar sobre o fato?

Dou uma olhada para ver se tem alguém que presenciou o fato, pode ser um transeunte, policial ou qualquer pessoa. Enquadro a situação e aguardo o melhor momento para fazer a imagem.

9 Existe algum cuidado especial antes de iniciar o trabalho fotográfico?

Sim. Para o profissional da fotografia o importante é verificar se o equipamento está de acordo com o que solicita a pauta. Flahs, baterias e material de suporte devem ser conferidos SEMPRE no antes de seu deslocamento.

10- O que é preciso para ser um bom fotojornalista?

Bom, antes de tudo, deve ser discreto, imparcial e ter sempre em mente o que é importante é a notícia e NÃO que faz ela. O olhar do fotógrafo deve ser crítico. Procurar sempre estar inteirado com o fato a ser fotografado. Nunca se deve esquecer que o leitor vê e faz a leitura através de suas fotos.

APENDICE B

FICHA TÉCNICA:

Nome: Oswaldo Luiz Calzavara²³

Idade: 55 anos.

Empresa: Free Lancer

Editoria: Atendo qualquer setor editorial

Formação acadêmica: Segundo Grau Completo – Superior incompleto

Há quanto tempo trabalha com fotografia? Trabalho com fotografia desde 1975, 36 anos, e no fotojornalismo desde 1980, 31 anos

Já trabalhou com algum tipo de fotografia artística ou social? Sim, sempre me dediquei a todo tipo de fotografia, seja social, artística, ou publicitária além do fotojornalismo.

A quanto tempo trabalha no atual veículo? De 1993 até hoje, trabalho como repórter fotográfico freelancer e setores da fotografia artística e comercial.

ENTREVISTA COM O REPÓRTER FOTOGRÁFICO OSWALDO CALZAVARA

1 Como e quando começou seu interesse pela fotografia?

A paixão pela arte veio logo quando fiz minhas primeiras fotos, ainda com uma câmera amadora emprestada em 1974. Com o resultado obtido, vi que levava jeito para o negócio. No final deste mesmo ano, ganhei minha primeira câmera fotográfica, uma Olympus Trip 35. Produzia fotos que eram elogiadas e com a ajuda de um fotógrafo amigo, Sr Pedro Pavão, iniciei na carreira de fotógrafo social, aprendendo as técnicas da fotografia e de laboratório. No carnaval de 1975 iniciei realmente como fotógrafo profissional na equipe do Foto Pavão. Adquirindo minha primeira câmera profissional, comecei a caminhar com minhas próprias pernas na profissão. O trabalho muito elogiado, prêmios conquistado me levaram a integrar na equipe de repórteres fotográficos do jornal que estava se implantando em Juiz de Fora, o Tribuna de Minas. Dois anos depois conquistei o registro profissional de jornalista.

2 Para você, qual o sentido da fotografia no jornalismo?

Ilustrar, informar e complementar o texto principal. Hoje em dia, principalmente nos grandes jornais do mundo a reportagem fotográfica tem ganhado ênfase perante um mundo que tem pressa, onde as pessoas tem pouco tempo para se dedicarem a leitura de longos textos. Principalmente no jornalismo digital.

3 Qual o tipo de reportagem você cobre com mais frequência? Tem preferência por algum tema?

Não existe uma editoria que atendo com mais frequência, já que sou um freelancer. Adoro fotografar pessoas, e o cotidiano da cidade ou do campo. Sou apaixonado pela comunicação não verbal, gestos, emoções, costumes, etc...

4 Quando você sentiu mais dificuldade em uma cobertura fotográfica?

Com uma vida extensa no fotojornalismo tenho muitas histórias. Cito somente dois: 1 - Quando tive que pular o muro de uma delegacia para alcançar uma janela e fotografar um policial que tinha sido preso e os colegas não permitiram imagens. 2 - Numa cobertura de um acidente que tive de

² ³ (Ver FIGURA 21 no ANEXO L)

descer de rapel para fotografar. Solução: mais tarde, fiz um curso de montanhismo junto ao Corpo de Bombeiros.

5 Na sua opinião quais características são necessárias a uma fotografia, para que esta seja considerada jornalística?

Aquela que ilustra, informa e complementa um texto. Em uma reportagem fotográfica, uma sequência de fotos que respondam as clássicas perguntas do jornalismo e produza uma história com início meio e fim sendo o texto somente um complemento.

6 Existe algum detalhe que separa a fotografia jornalística da fotografia social ou artística?

Claro! São áreas distintas! Apesar de usarem as mesmas técnicas da fotografia, o repórter fotográfico é diferenciado pela necessidade de "ter um conhecimento geral muito amplo. Não podemos produzir um bom trabalho ilustrativo/informativo correto sobre um assunto quanto não temos qualquer conhecimento sobre ele como qualquer jornalista. Na área artística, comercial ou social, a técnica, o olhar artístico particular de cada um e o equipamento é o mais importante.

7 Você procura alguma referência em trabalhos de outros colegas de profissão? Pode citar algum que de certa forma, sirva de exemplo?

Sim, acredito que todos nós do fotojornalismo somos inspirados por grandes fotógrafos. Evandro Teixeira - Jornal do Brasil. Gostou muito de seu estilo calmo mas ousado!

8 Ao chegar em um local para fazer uma cobertura fotográfica, que tipo de informação (visual ou não) você busca para se informar sobre o fato?

Procuro me inteirar sobre o assunto, procurar um melhor ângulo e estar atento a tudo que está ocorrendo em torno do evento. No caso de uma entrevista, estar atento às perguntas feitas pelo repórter que acompanha a matéria, tentando captar alguma ação ou reação que ilustre, complemente ou enfatize o tema.

9 Existe algum cuidado especial antes de iniciar o trabalho fotográfico?

Claro, se inteirar sobre o assunto!

10- O que é preciso para ser um bom fotojornalista?

O repórter fotográfico é um jornalista. Como disse, ter um amplo conhecimento geral, estudar jornalismo, mesmo que por conta própria. A única diferença para o repórter que produz a matéria, é que ele não usa tinta para escrever, usa a luz. Uma observação: Não basta querer ser um fotojornalista. O fotojornalista tem que estudar, tem que ter um conhecimento geral amplo. Tem que ser apaixonado pela profissão como qualquer jornalista. Não basta fazer uma faculdade pois, existem jornalistas formados hoje em dia, que mal sabem ler e escrever!

APÊNDICE C

FICHA TÉCNICA:

Nome: Leonardo da Silva Costa²⁴

Idade: 34 anos.

Empresa: Tribuna de Minas

Editoria: Fotografia

Formação acadêmica: Geografia (2002) e Comunicação Social (2009)

Há quanto tempo trabalha com fotografia? Comecei em 2008 na sucursal do Estado de Minas na Zona da Mata. 2008 a 2010 - Jornal Estado de Minas (sucursal Zona da Mata) 2010 a 2011 - Jornal Diário Regional (Juiz de Fora) 2010 a 2011 - Jornal Hoje em Dia (sucursal Zona da Mata) Maio de 2011 - Comecei na Tribuna de Minas

Já trabalhou com algum tipo de fotografia artística ou social? Sim, trabalhei para o César Romero de 2008 a 2010.

A quanto tempo trabalha no atual veículo? 6 meses.

ENTREVISTA COM O REPÓRTER FOTOGRÁFICO LEONARDO COSTSA

1 Como e quando começou seu interesse pela fotografia?

Pela fotografia diria que desde criança. Boa parte da minha adolescência era assinante das revistas "Placar" (futebol) e "Bizz"(música) e guardava sempre as edições (tenho-as ate hoje) para ver fotos dos jogadores de futebol e das bandas de rock. Quando eu fui na inauguração do estadio municipal, em 1988... meu pai me deu uma máquina para registrar o jogo do Flamengo. Nas excursões do colégio eu sempre estava com minha máquina. Depois, um pouco mais velho, foram nos shows de rock que eu ia. Mas era tudo muito amador, não passava em momento algum na minha cabeça profissionalizar, eram registros da minha vida, sem intenção profissional. Quando eu estava na faculdade de Geografia que me despertou a idéia de se tornar um profissional. Durante os trabalhos de campo eu sempre levava a máquina para tirar fotos e no quinto período um professor levou minha turma para ver uma exposição do Sebastião Salgado... ali percebi que poderia me tornar um profissional mas tinha comigo também que não bastava comprar uma máquina profissional era preciso adquirir conhecimento, técnica e experiência antes de me tornar um profissional. Mas aquilo nao passou de uma idéia... até que em 2005, três anos após ter me formado em Geografia, resolvi procurar um curso de Comunicação Social e me realizar profissionalmente.

2 Para você, qual o sentido da fotografia no jornalismo?

Informar. Reunir o máximo de informações do fato na mesma imagem ou sequência de imagens. Faço minhas fotos pensando exclusivamente no leitor do meu jornal.

3 Qual o tipo de reportagem você cobre com mais frequência? Tem preferência por algum tema?

Trabalho para todas editorias. Estou em uma pauta de economia depois vou para uma de esportes e depois uma de cidade, assim vai. Gosto muito de esportes mas a melhor foto é aquela que resulta em algum resultado positivo para a comunidade em questão.

² ⁴ (Ver FIGURA 22 no ANEXO M)

4 Quando você sentiu mais dificuldade em uma cobertura fotográfica?

No início senti um pouco de dificuldade no lado emocional - Você pode sair de uma pauta que a mãe está orgulhosa do filho que ganhou um concurso de poesia da escola e ir em seguida para outra pauta que a mãe está desesperada pelo filho que foi preso com crack, ou sai do desfile de carnaval na Av. Brasil direto para um acidente com ônibus na BR040 com vítimas. Vamos de um extremo ao outro. Mas com o passar do tempo você acostuma.

5 Na sua opinião quais características são necessárias a uma fotografia, para que esta seja considerada jornalística?

Ela tem que informar algum fato que aconteceu ou irá acontecer. Desde o aumento do leite ao show que vai ter amanhã daquela determinada banda, a vitória/derrota do esportista ou o desafio que ele terá pela frente... "Casar" com o texto, legenda ou matéria do qual ela faz parte. Levar informações ao leitor. Não batalho pela foto mais "bonita" e sim pela mais informativa. Não tiro fotos para meu portfólio e sim pensando no leitor do meu jornal. No fotojornalismo trabalhamos para a utilidade pública e não para nós mesmos.

6 Existe algum detalhe que separa a fotografia jornalística da fotografia social ou artística?

São diferentes. Na jornalística eu trabalho com a luz que eu encontro no local e as vezes tenho pouco tempo para fazer meu trabalho pois a cena pode não ter mais valor em questão de segundos. Até pela demanda de trabalho tem pauta que não posso demorar, pois aquela é a primeira de 4...5 ou 6 pautas que tenho no dia. Não procuro a imagem mais bonita, com a melhor luz possível... às vezes você encontra a cena em um contra-luz e é a única opção e ângulo de imagem que você tem... não tem como "reposicionar o sol" ao meu favor ou pedir alguém para virar a Carreta batida, ou o corpo no chão, ou o lance do futebol de acordo com a luz. Estamos sempre concentrados nos acontecimentos e a procura do ângulo que possa reunir o máximo de informações do fato. Na fotografia social você pode controlar mais a luz ... mas alguns fatos também exigem "concentração" como alguns rituais no casamento, batismo ou formatura que você não pode perder aquele momento crucial mas 90% do que acontece ali é previsível o que não acontece no fotojornalismo. A artística você pode criar, esperar o momento da luz natural mais perfeita, ou utilizar a luz artificial, mudar a realidade (o que não cabe na jornalística). Repito, no jornalismo não procuramos a "foto perfeita" tecnicamente e sim a mais informativa.

7 Você procura alguma referência em trabalhos de outros colegas de profissão? Pode citar algum que de certa forma, sirva de exemplo?

Sempre. Minhas grandes influências estão na cidade: Humberto Nicoline, Roberto Fulgencio, o saudoso Cerezo, Gleice Lisbôa, Jorge Couri, Toninho Carvalho. No Brasil acompanho muito o trabalho do Severino Silva (Jornal O Dia do RJ), considerado um dos melhores do Brasil no que faz (fotos de conflitos em favelas do RJ).

8 Ao chegar em um local para fazer uma cobertura fotográfica, que tipo de informação (visual ou não) você busca para se informar sobre o fato?

A realidade, o que está acontecendo no local e que local é este. Para isso é essencial está informado de tudo que está acontecendo. Busco sempre identificar o fato e o local (naquela rua, em frente aquele bar, na esquina tal...) para que o leitor além de ver o fato saiba onde ele aconteceu ou "estava acontecendo" na hora da imagem. Ex: Um acidente na Rua Olegário Maciel. Vou mostrar o acidente e no fundo alguma coisa que o leitor possa identificar: - "Olha, foi na Olegário Maciel" - pode ser uma placa da rua, um estabelecimento comercial, um colégio. A conversa com o repórter

de texto é essencial, às vezes ele por meio da sua apuração descobre detalhes que não podem ficar fora da imagem. Jornalismo é trabalho coletivo.

9 Existe algum cuidado especial antes de iniciar o trabalho fotográfico?

Sim, conferir todo material, pois qualquer "esquecimento" pode jogar todo o trabalho fora. Imagina você chegar em uma pauta sem bateria ou cartão de memória... nem sempre o "fato" irá lhe esperar. O policial não vai prender o bandido novamente só para você tirar foto... ou o prédio não vai pegar fogo novamente só para seu registro. Então o material tem que estar sempre completo e funcionando. Também é de extrema importância saber antes o que você vai fotografar, qual é a pauta, o foco, a intenção do repórter com aquela matéria. Procuro escutar as entrevistas, conversar muito com o repórter da foto, me informar também com as fontes, somos jornalistas da imagem.

10- O que é preciso para ser um bom fotojornalista?

Ler bastante e ter o foco que você trabalha para a utilidade pública. Concentração e postura profissional também são muito importantes para que seu trabalho dê certo. Quando decidi virar um profissional não comprei uma máquina e sai fotografando por aí. Fui estudar, me profissionalizar, dedicar ao curso de Comunicação Social para depois comprar a máquina. Por isso sempre falo... não estou ali tirando foto pra mim e sim para meu leitor. Ter a humildade que na fotografia sempre temos a aprender, nunca vamos saber de tudo pois a tecnologia da profissão está sempre em transformação... então é primordial estudar sempre, sempre e sempre.

APÊNDICE D

FICHA TÉCNICA:

Nome: Aelson F. Amaral²⁵

Idade: 55

Empresa: Photo Aelson Fotografias Ltda desde 1987

Editoria: Fotógrafo profissional e repórter fotográfico Mtb 18907 Arfoc RJ 00486

Formação acadêmica: Arquitetura 1979 (incompleto)

Há quanto tempo trabalha com fotografia? 25 anos

Já trabalhou com algum tipo de fotografia artística ou social? Quase tudo da área fotográfica. Exposições, livros editados, premiações internacionais e nacionais.

A quanto tempo trabalha no atual veículo? .

ENTREVISTA COM REPÓRTER FOTOGRÁFICO AELSON AMARAL

1 Como e quando começou seu interesse pela fotografia?

Em 1976 quando conheci um dos maiores fotógrafos de estúdio de Juiz de fora.

2 Para você, qual o sentido da fotografia no jornalismo?

Mostrar a verdade nua e crua.

3 Qual o tipo de reportagem você cobre com mais frequência? Tem preferência por algum tema?

Atualmente como free-lancer cubro de tudo. Sou da agência Futura Press de SP, a maior do Brasil. Do corporativo a imprensa marrom. No jornalismo vale tudo. Gosto de temas sociais e políticos.

4 Quando você sentiu mais dificuldade em uma cobertura fotográfica?

Em nenhuma situação. Um fotojornalista tem que levar a imagem pautada para redação de qualquer jeito.

5 Na sua opinião quais características são necessárias a uma fotografia, para que esta seja considerada jornalística?

A imagem tem que ser informativa, quase sem legenda.

6 Existe algum detalhe que separa a fotografia jornalística da fotografia social ou artística?

Não, todas são informativas.

7 Você procura alguma referência em trabalhos de outros colegas de profissão? Pode citar algum que de certa forma, sirva de exemplo?

Não nunca busquei referências. Tento sempre criar minhas próprias leituras visuais.

² ⁵ (Ver FIGURA 23 no ANEXO M)

8 Ao chegar em um local para fazer uma cobertura fotográfica, que tipo de informação (visual ou não) você busca para se informar sobre o fato?

É só você ler a pauta e descobrir visualmente toda a situação, passar para os leitores essa informação limpa e sem retoques. No fotojornalismo não existe photoshop.

9 Existe algum cuidado especial antes de iniciar o trabalho fotográfico?

Só nas questões que envolvem violência.

10- O que é preciso para ser um bom fotojornalista?

“Se uma foto não está suficiente boa, é porque você não se aproximou o suficiente do fato” Robert Cappa, ou ainda “A câmera não faz diferença nenhuma. Todas elas gravam o que você está vendo. Mas você precisa VER.” Ernst Haas

APÊNDICE E

FICHA TÉCNICA:

Nome: Carlos Mendonça²⁶

Idade: 52 anos

Empresa: Factual Fotojornalismo (minha própria agência)

Editoria: .

Formação acadêmica: Repórter Fotográfico - Fotógrafo Publicitário

Há quanto tempo trabalha com fotografia? 25 anos

Já trabalhou com algum tipo de fotografia artística ou social? Sim

A quanto tempo trabalha no atual veículo? 5 anos

ENTREVISTA COM O REPÓRTER FOTOGRÁFICO CARLOS MEDONÇA

1 Como e quando começou seu interesse pela fotografia?

Aos 22 anos, após realizar um curso básico no SENAC, apenas por hobby, fui me apaixonando aos poucos pela fotografia, até decidir trocar definitivamente a carreira de contabilista, pela de fotógrafo.

2 Para você, qual o sentido da fotografia no jornalismo?

Na minha opinião, a fotografia exerce um papel fundamental nos veículos de comunicação. Porém, nem sempre concordo com a velha frase "*uma imagem vale mais que mil palavras*", pois acho que muitas vezes, dependendo das circunstâncias, uma fotografia pode ser interpretada de diversas formas. Neste caso, acho essencial o texto, ainda que sucinto, para elucidar qualquer dúvida do leitor, como por exemplo: local da ocorrência do fato, data, hora, circunstância, etc. A fotografia, de imediato, causa um impacto enorme no leitor e isso o remete à curiosidade sobre o detalhamento dos fatos.

3 Qual o tipo de reportagem você cobre com mais frequência? Tem preferência por algum tema?

Como presto serviços para diversos veículos, principalmente para agências de notícias, como por exemplo Folhapress, O Tempo, Futura Press, dentre outras, tenho que estar apto a cobrir qualquer tipo de reportagem. Com relação a ter preferência por algum tema, tenho uma certa predileção por coberturas que fujam da monotonia e envolvam uma certa descarga de adrenalina, como ações policiais por exemplo.

4 Quando você sentiu mais dificuldade em uma cobertura fotográfica?

Geralmente, coberturas ligadas ao sofrimento humano, por mais profissionalismo que se tenha, causam a nós, repórteres fotográficos, além de dor, constrangimentos inevitáveis. Certa vez, fui contratado por um jornal da capital, para cobrir um funeral de um empresário e ex-político (cassado), que seria sepultado em sua pequena cidade natal. Como sabemos, em certas regiões do interior, ainda é muito comum se ver a antiga prática, da política do "*coronelismo*". Foi para mim, uma situação muito difícil, pois, além de conviver com a dor dos parentes e amigos do personagem, ainda tive que enfrentar uma revolta visível, de algumas pessoas que me viam ali, como um intruso, sendo que, para piorar a situação, durante grande parte do funeral, fui o único repórter de imagem

²⁶ (Ver FIGURA 24 no ANEXO N)

presente no local. Somente muito tempo depois, começaram a chegar equipes de TV e de jornais de outras cidades. (uma delas acompanhada de seguranças armados).

5 Na sua opinião quais características são necessárias a uma fotografia, para que esta seja considerada jornalística?

Toda fotografia que envolva algum acontecimento de interesse público, ainda que de menor relevância, a meu ver, deve ser considerada jornalística. Tem que se ter em mente o seguinte: "esta foto pode virar notícia?"

6 Existe algum detalhe que separa a fotografia jornalística da fotografia social ou artística?

A fotografia jornalística, tem por obrigação, relatar um fato, o cotidiano e a sua veracidade. Porém, a meu ver, isso não quer dizer que não possa ser artística. Temos um belo exemplo de fotojornalismo com arte, que são as magníficas obras de Sebastião Salgado.

7 Você procura alguma referência em trabalhos de outros colegas de profissão? Pode citar algum que de certa forma, sirva de exemplo?

Claro! Sempre penso que ainda há muito o que se aprender. Nada melhor do que a experiência de pessoas mais tarimbadas, que, com certeza, ainda que, sem terem a pretensão ou consciência disso, tornam-se nossos grandes mestres. Quando digo pessoas mais tarimbadas, não quero dizer que sejam mais velhas. Conheço pessoas muito mais jovens do que eu, que dão verdadeiros shows, em suas coberturas fotográficas. Não vou citar nomes para não correr o risco de ser injusto com alguém, mas, posso dizer com toda certeza, que temos aqui em nossa cidade, dois profissionais, um com alguns anos de "estrada" e o outro nem tanto, que são verdadeiros mestres do fotojornalismo.

8 Ao chegar em um local para fazer uma cobertura fotográfica, que tipo de informação (visual ou não) você busca para se informar sobre o fato?

Depende da especificidade do caso. Muitas vezes não dispomos de muito tempo para obter informações sobre o andamento de uma ação policial, por exemplo, ou de uma catástrofe que esteja acontecendo naquele momento, como um incêndio, ou um acidente, onde as vítimas estejam sendo socorridas naquele exato momento de sua chegada ao local do fato. Em outros casos, como em uma entrevista coletiva, uma reunião política ou empresarial, por exemplo, é fundamental que se saiba quem são os personagens alvo da pauta em questão.

9 Existe algum cuidado especial antes de iniciar o trabalho fotográfico?

Primeiramente, a checagem de todo o equipamento que se fará necessário, para a perfeita realização do trabalho. Além disso, há que se observar atentamente, várias outras questões, tais como: como sua segurança, ética, respeito, solidariedade e companheirismo com os colegas, embora estes últimos itens, na maioria das vezes, não sejam observados por alguns "profissionais" inescrupulosos.

10- O que é preciso para ser um bom fotojornalista?

Antes de mais nada, paixão pela profissão. Além disso, bom equipamento, muito conhecimento técnico, respeito, ética. Em muitos casos, bom preparo físico e um pouquinho de psicologia.

APÊNDICE F

FICHA TÉCNICA:

Nome: Apu Gomes ²⁷

Idade: 28 anos

Empresa: Folha de São Paulo

Editoria: Fotografia

Formação acadêmica: .

Há quanto tempo trabalha com fotografia? 10 anos

Já trabalhou com algum tipo de fotografia artística ou social? Já trabalhei em assistência de fotografia publicitária.

A quanto tempo trabalha no atual veículo? Desde março de 2006.

ENTREVISTA COM O REPÓRTER FOTOGRÁFICO CARLOS MEDONÇA

1 Como e quando começou seu interesse pela fotografia?

Meu interesse pela fotografia vem desde os tempos de criança. Sempre me disponibilizei para tirar as fotos da família quando criança.

2 Para você, qual o sentido da fotografia no jornalismo?

Essencial. Uma imagem pode mudar o mundo.

3 Qual o tipo de reportagem você cobre com mais frequência? Tem preferência por algum tema?

Faço cobertura de assuntos relacionadas a cidade, cotidiano, preferencialmente pautas relacionadas a violência.

4 Quando você sentiu mais dificuldade em uma cobertura fotográfica?

É relativo, os tipos de dificuldades variam de pauta para pauta. Dependendo da pauta pode ser difícil você chegar até o lugar, e quando está lá fotografar é o mais fácil, e dependendo da pauta é muito simples ir até o local, mas dependendo do assunto, a foto está ali na sua frente mais você não pode sacar a câmera e fotografar.

5 Na sua opinião quais características são necessárias a uma fotografia, para que esta seja considerada jornalística?

Para uma fotografia ser considerada jornalística basta que ela tenha informação.

6 Existe algum detalhe que separa a fotografia jornalística da fotografia social ou artística?

A informação que está por trás da foto.

² ⁷ (Ver FIGURA 25 no ANEXO N)

7 Você procura alguma referência em trabalhos de outros colegas de profissão? Pode citar algum que de certa forma, sirva de exemplo?

Sim, admiro muito o trabalho dos fotógrafos brasileiros Lalo de Almeida, Maurício Lima, dos Sulfricanos Greg Marinovich e João Silva, do americano Eugene Richards, James Nachtwey, David Douglas Duncan, Rober Capa, e outros.

8 Ao chegar em um local para fazer uma cobertura fotográfica, que tipo de informação (visual ou não) você busca para se informar sobre o fato?

Cada assunto, cada lugar que você vai é diferente, é relativo.

9 Existe algum cuidado especial antes de iniciar o trabalho fotográfico?

Cuidar bem do seu equipamento e conferi-lo antes de sair para a pauta é essencial. (lentes, baterias carregadas, pilhas, cartões de memórias, etc).

10- O que é preciso para ser um bom fotojornalista?

Deve ser visionário, ter discernimento do que é notícia; ter ética, dedicação e persistência para conseguir superar os obstáculos que apareceram em busca da melhor foto.

ANEXO A

FOTO: Sisse Brimberg



FIGURA 01: Caverna de Lascaux na França.

FONTE: www.nationalgeographic.com Acesso em: 27/09/2011

ANEXO B

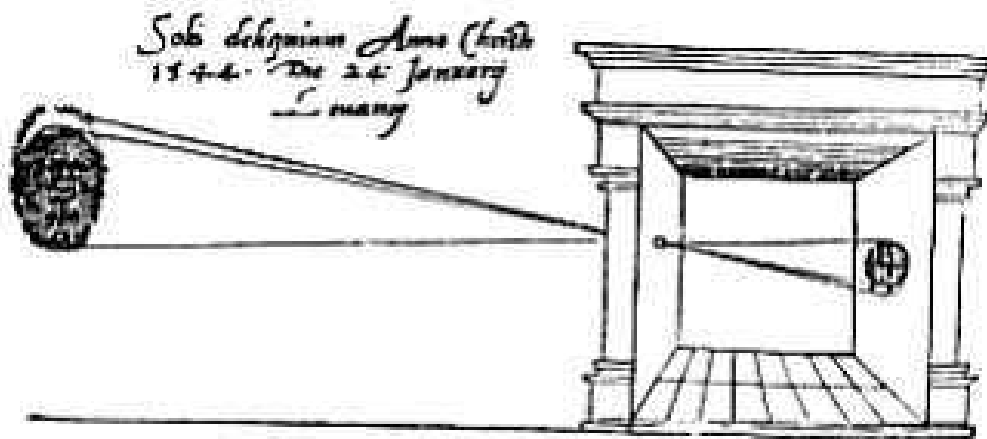


FIGURA 02: Primeira Ilustração de uma Câmara Escura em 1544.

FONTE: <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/historia-da-fotografia/imagens/foto-301.jpg>. Acesso em: 27/09/2011

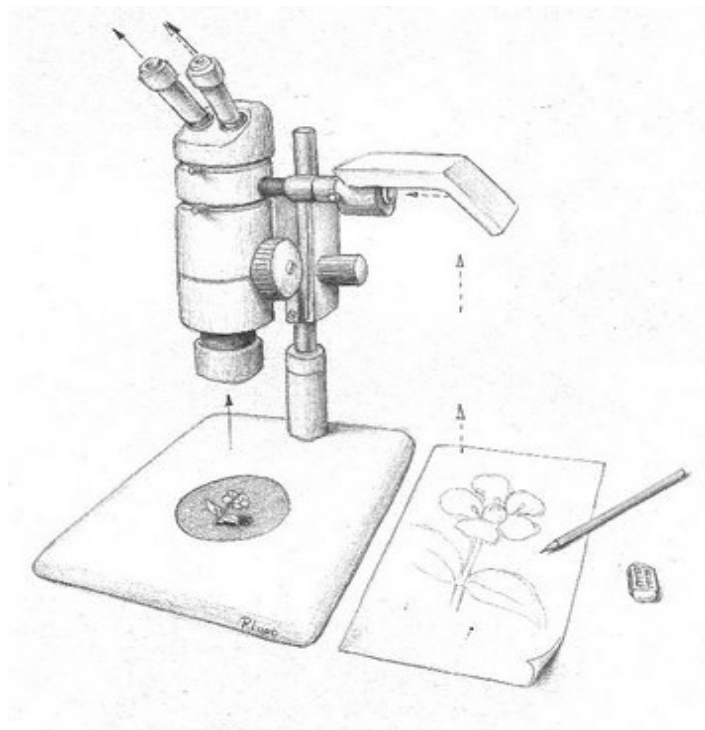


FIGURA 03: Ilustração de uma Câmara Clara.

FONTE: <http://rogeriolupo.blogspot.com/2008/06/estereomicroscopio-com-camara-clara.html>
Acesso em: 27/09/2011



ANEXO C

FIGURA 04: Professor de medicina Johann Heinrich Schulze 1740

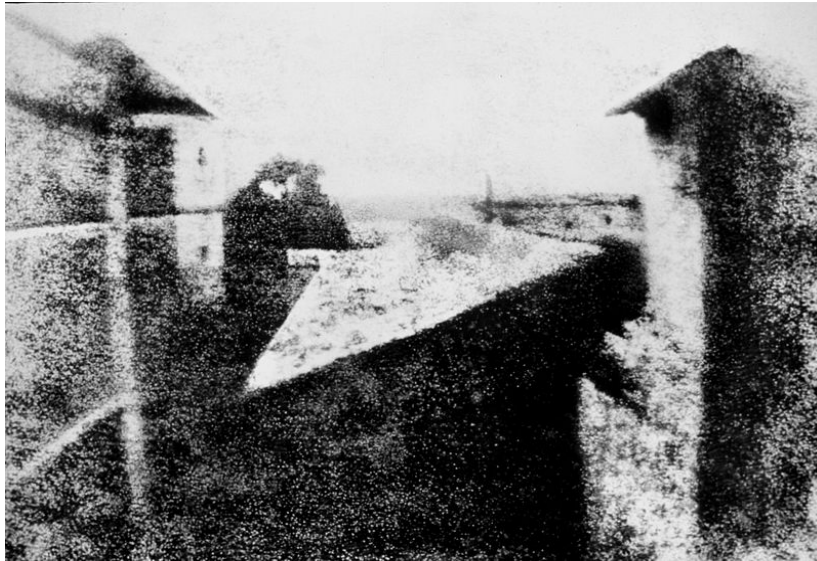
FONTE: <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/historia-da-fotografia/imagens/foto-17.jpg>
Acesso em: 30/09/2011



FIGURA 05: Oficial do exército francês, Joseph Nicéphore Niépce.

FONTE: http://pt.wikipedia.org/wiki/Joseph_Nic%C3%A9phore_Ni%C3%A9pce

Acesso em: 28/10/2011



ANEXO D

FIGURA 06: Primeiro registro fotográfico. Vista do quarto de Niépce.

FONTE: <http://pipocaglobal.com/wp-content/uploads/niepce-first-photo-niepce1826-ga.jpg>

Acesso em: 28/10/2011

FIGURA 07: Imagem de Jacques Mandé Daguerre.

FONTE: http://www.biografias.es/files/star/l/louisjacqmande_1_4j489

Acesso em: 29/10/2011



ANEXO E



FIGURA 08: Câmara de daguerreotipia com o monograma de Daguerre – 1839.
FONTE:<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/historia-da-fotografia/imagens/foto-27.jpg>
Acesso em: 29/10/2011

FIGURA 09: William Henry Fox Talbot, escritor e cientista inglês
FONTE: <http://8aband2010.blogspot.com/2010/03/william-henry-fox-talbot.html>



Acesso em: 29/10/2011

ANEXO F



FIGURA 10: Impressão por calotipia ou talbotipia – William Henry Fox Talbot
FONTE: <http://8aband2010.blogspot.com/2010/03/william-henry-fox-talbot>
Acesso em: 29/10/2011

FOTO: Corbis

FIGURA 11: George Eastman tirando uma fotografia com sua Câmera Kodak

FONTE: http://www.wired.com/science/discoveries/news/2007/09/dayintech_0904#

Acesso em: 29/10/2011

ANEXO G



FIGURA 12: O primeiro escritório de Eastman foi no terceiro andar deste prédio na State Street, em Rochester - EUA

FONTE: <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/historia-da-kodak/historia-da-kodak-2.php>

Acesso em: 29/10/2011

FIGURA 13: Ilustração do alemão Johannes Gutemberg, inventor da prensa de tipos móveis
FONTE: <http://www.guiadacarreira.com.br/artigos/historia/jornais-jornalismo/>
Acesso em: 29/10/2011

ANEXO H

FOTO: MOHAMMED ABED/ AFP/ Getty Images



FIGURA 14: Exemplo de *Spot News*: Fotógrafo ganha terceiro prêmio no Ponto categoria Notícias, com sua foto do bombardeio em Gaza, em janeiro de 2009

FONTE: <http://8aband2010.blogspot.com/2010/03/william-henry-fox-talbot.html> Acesso em: 29/10/2011

FOTO: RENATO COBUCCI / HOJE EM DIA



FIGURA 15: Exemplo de “*Notícias em geral (General news)*”. Fotógrafo Funeral do Senador e Ex-presidente Itamar Franco – Juiz de Fora 03/07/2011
FONTE: <http://noticias.r7.com/brasil/noticias/velorio-de-itamar-franco-deve-atrair-50-mil-pessoas-em-juiz-de-fora-20110703.html> Acesso em: 29/10/2011

ANEXO I



FOTO: KEVIN CARTER

FIGURA 16: Exemplo de “*features*”. Em 1994, o fotógrafo Sudanês Kevin Carter ganhou o prêmio Pulitzer de fotojornalismo esta fotografia tomada na região de Ayod (uma pequena aldeia em Suam). Quatro meses depois Kevin Carter suicidou-se.
FONTE: <http://www.nationalgeographic.com> Acesso em: 29/10/2011

ANEXO J

FOTO: STEVE MC CURRY. 1984



FIGURA 17: Exemplo de “Retrato”. Em 1984, o fotógrafo da Revista National Geographic,



documentando um campo de refugiados afegãos, no Paquistão, fotografou uma menina de olhos verdes. Esta imagem que ganhou fama mundial.

FONTE: <http://www.cursos-de-fotografia.net.br/sharbat-gula-garota-afega/>
Acesso em: 29/10/2011

FIGURA 18: Exemplo de “*Ilustração fotográfica*”. É permitido o uso manipulação da imagem, que neste caso, tem por objetivo *ilustrar* a matéria.
FONTE: http://4.bp.blogspot.com/_nwux-7qyg0c/economia_brasileira.jpg
Acesso em: 30/09/2011



ANEXO K

FOTO: ALEXANDRE VIEIRA/ O DIA

FIGURA 19: Exemplo de “*Picture stories*”. O fotógrafo brasileiro Alexandre Vieira(jornal O Dia), recebeu uma menção honrosa na 54ª Mostra World Press Photo (WPP), pela série conhecida como “Faroeste Carioca”, uma seqüência de imagens registradas durante um tiroteio ocorrido na Avenida Brasil em março de 2010

FONTE:<http://estaindicado.com.br/2011/09/world-press-photo/>



Acesso em: 29/10/2011

ANEXO L

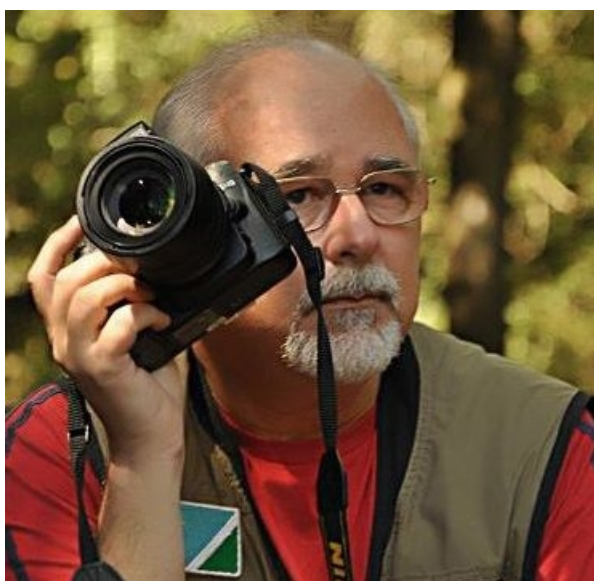


FOTO: ARQUIVO DO FOTÓGRAFO

FIGURA 20: Fotógrafo Ângelo Savastano (Jornal Diário Regional) – Juiz de Fora

FONTE: Arquivo do fotógrafo

FOTO: ARQUIVO DO FOTÓGRAFO
FIGURA 21: Fotógrafo Oswaldo Luiz Calzavara (Free Lancer) – Juiz de Fora
FONTE: Arquivo do fotógrafo

ANEXO M

FOTO: ARQUIVO DO FOTÓGRAFO



FIGURA 22: Fotógrafo Leonardo Costa (Tribuna de Minas) – Juiz de Fora
FONTE: Arquivo do fotógrafo

FOTO: ARQUIVO DO FOTÓGRAFO

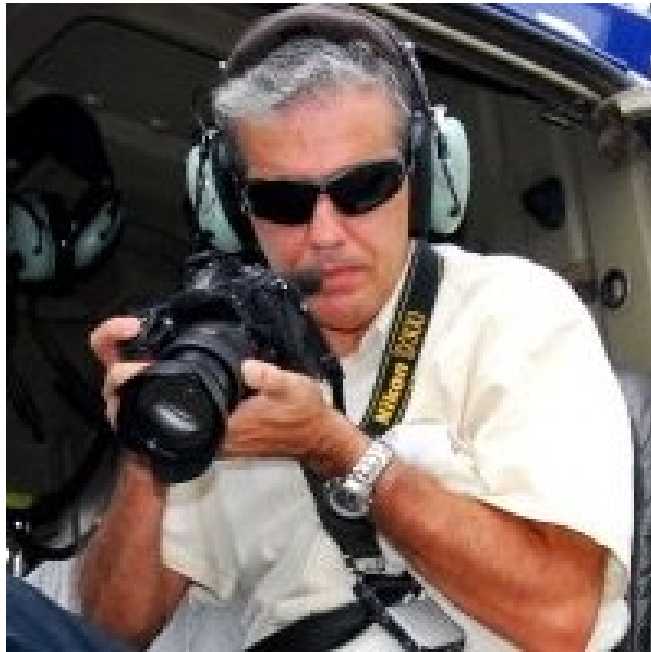


FIGURA 23: Fotógrafo Aelson Amaral (Free Lancer) – Juiz de Fora
FONTE: Arquivo do fotógrafo

ANEXO N



FIGURA 24: Fotógrafo Carlos Mendonça (Agência Factual Jornalismo) – Juiz de Fora
FONTE: http://carlosmendoncafotografo.blogspot.com/2009_05_02_archive.html
Acesso: 05/11/2011

FOTO: ARQUIVO DO FOTÓGRAFO



FIGURA 25: Fotógrafo Apu Gomes (Folha de São Paulo)
FONTE: Arquivo do fotógrafo